



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

FRANCISCO DE ASSIS DE ARAÚJO SILVA

CARNAVAL – UMA FESTA PERFUMADA DE SAUDADE, COLORIDA DE CONFETES
E SERPENTINAS: PATRIMÔNIO, MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO DOS
AROEIRENSES (1960-1980)

CAMPINA GRANDE – PB

2014

FRANCISCO DE ASSIS DE ARAÚJO SILVA

CARNAVAL – UMA FESTA PERFUMADA DE SAUDADE, COLORIDA DE CONFETES
E SERPENTINAS: PATRIMÔNIO, MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO DOS
AROEIRENSES (1960-1980)

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de graduado.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo

CAMPINA GRANDE – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586c Silva, Francisco de Assis de Araújo
Carnaval - uma festa perfumada de saudade, colorida de
confetes e serpentinas [manuscrito] : patrimônio, memória e
representação dos aroeirenses (1960-1980) / Francisco de Assis
de Araujo Silva. - 2014.
49 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo,
Departamento de História".

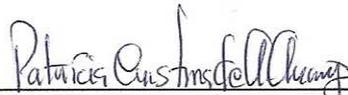
1. Carnaval 2. Festa Popular 3. Carnaval de Aroeiras - PB 4.
Memória Cultural 5. Patrimônio Histórico I. Título.

21. ed. CDD 394.25

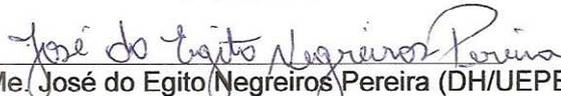
FRANCISCO DE ASSIS DE ARAÚJO SILVA

CARNAVAL – UMA FESTA PERFUMADA DE SAUDADE, COLORIDA DE CONFETES
E SERPENTINAS: PATRIMÔNIO, MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO DOS
AROEIRENSES (1960-1980)

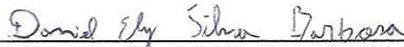
Aprovado em 30/04 /2014



Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo (DH/UEPB)
Orientadora



Prof. Me. José do Egito Negreiros Pereira (DH/UEPB)
Examinador



Prof. Drando. Daniel Ely Silva Barbosa (UFPE)
Examinador

CAMPINA GRANDE – PB

2014

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Aduino Monteiro e Maria José que sempre me apoiaram em todos os momentos dessa jornada e na difícil caminhada da minha vida acadêmica, sempre serei grato a eles.

AGRADECIMENTOS

Sou grato a todos aqueles que foram meus professores, pois entendo que a educação e o conhecimento de maneira geral, se constroem nas relações humanas, nas dificuldades do dia-a-dia, na aventura das descobertas e nos desafios a vencer.

Aos meus pais que ao longo de toda a minha vida estudantil me apoiaram, me ajudaram nessa caminhada árdua que se faz todos os dias na carreira universitária. Minha mãe sempre vinha com uma palavra de conforto nas longas noites de sono que passei a me debruçar sobre livros e apostilas ou na frente do computador digitando trabalhos; ela vinha e me dizia: “meu filho você ainda verá o resultado de todo esse esforço, colherá bons frutos por tudo isso”.

Ao professor Me. José do Egito Negreiros Pereira, meu ex-professor da disciplina de Estágio II, o qual tive a honra de tê-lo na minha banca de defesa para avaliar este trabalho.

Ao professor Me. Daniel Ely Silva Barbosa, que também tive a honra de tê-lo na banca, agradeço pela gentileza de ter aceitado o convite e por todo o apoio que me deu ao longo desse trabalho.

À professora Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo que pacientemente me orientou e não deixou que eu cedesse em nenhum momento as dificuldades que apareceram.

A todos os meus amigos, colegas de classe e familiares que confiaram na minha capacidade, agradeço de coração.

A Deus por me conceder o dom da vida, da força de vontade, da inteligência e, sobretudo da coragem de enfrentar novos desafios sempre.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo problematizar o carnaval de Aroeiras-PB como memória e patrimônio na história da cidade a partir das representações de seus moradores e se propõe a discutir o significado do carnaval para a cidade como lugar de memória e construção identitária dos aroeirenses. Para tal, tivemos como referencial teórico Certeau (1994), a partir do qual discutimos cotidiano, e Chartier (1986), que embasou nossas reflexões sobre as diferentes práticas e representações. Endossamos, ainda, os conceitos de História Cultural, de Barros (2011), e memória, em Halbwachs (1990). Utilizamos-nos da história oral e das memórias dos aroeirenses para compor nosso texto, bem como de algumas fotografias que bem ressaltam a festa. Entendemos que a história cultural do carnaval de Aroeiras faz parte da identidade e da memória individual e coletiva dos aroeirenses. Nosso trabalho contribuiu para promover a discussão em torno da prática cultural festiva do carnaval e sua importância como elemento construtor da memória, patrimônio e identidade local dos aroeirenses.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Carnaval. Representação. Patrimônio.

ABSTRACT

This research aims to problematize carnival in Aroeiras, Paraíba, Brazil's memory and heritage in the history of the city taken as its residents' representation. This study also aims to discuss the meaning of carnival to the city and its residents as a place of memory and identity construction. Thus, we were grounded in Certeau (1994), in order to discuss everyday life concept, and Chartier (1986), who supported our reflections on different practices and representations. We also endorse Cultural History, grounded in Barros (2011), and memory, based on Halbwachs (1990). We are relying on oral history and memories of Aroeiras residents to compose our text as well as some photographs which emphasize the celebration accurately. We understand that carnival's cultural history in Aroeiras is part of residents' identity. Besides, this celebration represents their individual and collective memory. We believe that our work helps to promote discussion about carnival's cultural festive practice. When it comes to Aroeiras residents, it also reveals its importance as a memory, heritage and local identity builder element.

KEYWORDS: Memory. Carnival. Representation. Heritage.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01	Momento de folia	27
FIGURA 02	Pessoas à mesa	28
FIGURA 03	Foliões reunidos no Centro Cultural Recreativo Aroeirense	29
FIGURA 04	Presença de crianças na celebração do carnaval	30

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
1. REPRESENTAÇÕES DO CARNAVAL NAS TESSITURAS DA MEMÓRIA COMO PATRIMÔNIO HISTÓRICO	07
1.1 O carnaval como espaço de Memória e Patrimônio	07
1.2 Reflexões sobre o carnaval no contexto da História Cultural	10
2. O CARNAVAL EM AROEIRAS COMO MEMÓRIA, HISTÓRIA E PATRIMÔNIO	19
2.1 Memórias de Aroeiras: delineando o espaço da cidade	19
2.2 Carnaval como espaço de saudade, memória e história: perscrutando a cidade de Aroeiras	21
2.3 Memórias do Carnaval de Aroeiras nos relatos de seus moradores	31
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46
Apêndice – A	50
Apêndice – B	51

INTRODUÇÃO

Este trabalho abordará as festividades do carnaval na cidade de Aroeiras - Paraíba, realizadas entre as décadas de 1960 e 1980, período de auge dessa manifestação cultural em nível local. O ato de festejar nasce praticamente com a história da humanidade. Desde a Antiguidade Clássica, a festa era associada às colheitas, ao culto aos deuses e até às cerimônias fúnebres. Com o passar do tempo, a festa ganhou grande importância na história da humanidade. No seio familiar, ela marca os nascimentos, casamentos, aniversários e confraternizações entre parentes de uma forma geral.

Em um sentido mais amplo, a festa ganha a magnitude da sociedade, marcando eventos religiosos, esportivos, políticos e culturais. Independentemente da classe social a que pertença, o ser humano sempre transforma esse momento de alegria em ato de receber o próximo, seja este um parente, amigo ou, mais recentemente, o turista.

O sentido da festa é extravasar a alegria de um momento comemorativo que tem grande valia para a subjetividade do ator social em questão. O carnaval é uma dessas festas que se destacam na coletividade entre todas as festas populares. E, em nível local, a cidade de Aroeiras tem no carnaval um momento de troca de relações sociais e de reforço do sentimento de identidade construído a partir da mesma.

Tradicional desde a década de 1930, o carnaval de Aroeiras era realizado inicialmente pela iniciativa popular, que formava seus blocos de bumba-meu-boi, de caráter mais rural, e promovia também bailes dançantes com orquestras de frevo, estes últimos realizados por comerciantes e pessoas de destaque na sociedade. Como elemento de junção, de pertencimento à mesma identidade, os organizadores criavam uma pequena comissão para angariar recursos (“patrocínio”) e contratar orquestras que faziam a alegria dos carnavalescos.

Na altura de um acontecimento de significativa importância para Aroeiras, a partir do momento em que o carnaval promovia a integração da sociedade em prol da alegria de vivenciar aquela festividade, que fazia parte da identidade da cidade e de

maneira mais particular, da subjetividade de cada folião, o carnaval tornava-se um instrumento de pertencimento ao local, construindo, então, uma identidade carnavalesca na cidade de Aroeiras.

Como, nessa época, a cidade era muito pequena, era nesta ocasião que se reunia grande parte das pessoas, ou, segundo depoimentos dos nossos colaboradores, em entrevistas concedidas a este autor, das famílias da cidade. Chamamos atenção para o fato de que, em cidade pequena, todos se conhecem, inclusive pelo sobrenome. Então, criou-se a imagem ou a identidade de o carnaval ser uma cerimônia de “ajuntamento familiar”, como reforçam nossos colaboradores. Dessa maneira, teceram-se os laços de identidade e representação da festa como patrimônio cultural imaterial da cidade.

Este trabalho tem como objetivo geral problematizar o carnaval de Aroeiras como memória e patrimônio na história da cidade, a partir das representações de seus moradores. Como objetivos específicos, propomos discutir sobre o carnaval de Aroeiras, das ruas ao clube, como lugar de memória na construção identitária dos aroeirenses, bem como mostrar o cotidiano dos aroeirenses do período carnavalesco retratado, destacando a organização da festa a partir das suas narrativas.

Para a realização desse estudo, utilizamos o conceito de memória em Halbwachs (1990) e Le Goff (1990), a partir dos quais trabalhamos a memória dos nossos colaboradores sobre a festa; abordamos identidade em Stuart Hall (2006), para compreender como o carnaval criou uma identidade local na cidade de Aroeiras; cotidiano e espaço em Certeau (1994), para analisar o espaço urbano da cidade e sua dimensão populacional; práticas e representações em Chartier (1986); a partir do qual estudamos as práticas e representações do carnaval e carnaval em Damatta (1997), para conceituarmos a festa.

A pesquisa surgiu motivada pelo desejo pessoal de estudar a memória, patrimônio e representação da cidade nas festas. E também por sentirmos, enquanto historiador, a ausência de trabalhos voltados a esta temática a partir da realidade desse município. Portanto, pretendemos contribuir para fechar essa lacuna sobre a festividade do carnaval como patrimônio histórico da cidade, bem como para o desenvolvimento de

estudos sobre memória e patrimônio cultural de Aroeiras a partir da representação do carnaval.

Ao longo da nossa pesquisa, utilizamo-nos da memória e da história oral para a realização deste trabalho enquanto horizonte teórico-metodológico para o empreendimento de nossa pesquisa. Tivemos um grande obstáculo, que foi justamente a dificuldade de se encontrar fontes que nos informassem como surgiu a festa na cidade. Conta-se que o carnaval surgiu na cidade como uma rivalidade política entre os partidos perrepista e liberal. Porém, essa disputa se dava apenas de forma simbólica, sem conflitos, dispondo apenas de cada partido com seu respectivo bloco carnavalesco.

No que se refere às décadas de 30, 40 e 50 do século XX, respectivamente, não conseguimos registros históricos sobre o carnaval de Aroeiras, devido à falta de preservação de material que registrasse a festa. Até mesmo a oralidade e as memórias pareciam estar perdidas no tempo, em virtude do descuido em se preservar a história, a memória e a cultura local da cidade. Não se deixou tanto as fontes escritas, bem como as fotográficas, salvo raras exceções. As fontes orais também são poucas, tendo em vista que a maioria das pessoas que participavam do carnaval neste período já faleceu. E, com eles, seu legado também se foi, pois nunca houve preocupação em preservar a história desses antigos carnavais.

Diante da ausência de documentos escritos, valemo-nos da memória e da oralidade para evidenciar o contexto histórico abordado a partir dos anos 1960 a 1980. A escolha desse recorte temporal se deu pela grande relevância da festa nesse período que, segundo os moradores, foi o auge do carnaval na cidade. Nessa época, havia influência dos carnavais de Recife e Campina Grande, as duas cidades com as quais os aroeirenses mais tinham contato, sendo também as principais de destaque do carnaval na região. Também havia pessoas de cidades vizinhas que frequentavam o carnaval de Aroeiras devido à popularidade da festa e à influência de aroeirenses que habitavam outras cidades, a exemplo das duas já citadas.

Neste sentido, vamos averiguar a importância dessa festividade no cotidiano aroeirense, a partir das contribuições de moradores da cidade, que foram, conforme

ressaltamos anteriormente, colaboradores a partir da concessão de entrevistas e algumas fotos, que integram o nosso corpus.

Este trabalho se propõe a estudar a importância do carnaval de Aroeiras e sua contribuição para o enriquecimento da história local deste município. Festa típica desde os anos 1930 na cidade, o carnaval se revela como a principal influência cultural entre o povo aroeirense, contribuindo para a formação identitária deste município. Nossa pesquisa é de relevante importância para a historiografia local da cidade, tendo em vista a falta de trabalhos acadêmicos que discutam esta temática em nível local.

Faz-se necessário pesquisar sobre a influência da festividade carnavalesca como patrimônio histórico-cultural de Aroeiras, bem como seu valor pessoal para os moradores da cidade a partir de suas memórias.

Nossa metodologia consiste na utilização da história oral, partindo de entrevistas concedidas a este autor por moradores da cidade que revivem suas memórias pessoais e coletivas acerca dos carnavais dos anos 1960-1980. As etapas da nossa pesquisa se deram em três fases: sondagem e seleção das pessoas de idade mais avançada ainda em total estado de lucidez, que pudessem nos auxiliar na pesquisa; entrevistas realizadas com essas pessoas, com o intuito de discorrerem sobre os carnavais antigos de Aroeiras na temporalidade já citada neste trabalho e, por último, transcrição das entrevistas, mantendo fidelidade aos relatos originais.

As principais fontes que guiaram nosso trabalho foram, de fato, a oralidade dos aroeirenses que vivenciaram esses carnavais de outrora. Suas experiências muito contribuíram para o enriquecimento de nosso material e o desenvolvimento de uma rica discussão em torno da História Cultural do carnaval. Compreendendo que a História Cultural destaca as manifestações populares, a arte popular, as práticas e representações de um povo, que vão além da sua vida cotidiana, mas perpassa também o campo da subjetividade de maneira individual e intransferível, a temática dos carnavais se insere no contexto da História Cultural, pois faz parte da memória e história local. E, além disso, é um patrimônio imaterial do município de Aroeiras, sendo necessário seu aproveitamento em torno dos debates científicos que se traçam na Academia.

O valor desta pesquisa acadêmica para nossa cidade vai além do cumprimento das nossas atividades enquanto historiador vinculado à instituição acadêmica, pois visa o reconhecimento da cultura local, com sua memória e patrimônio, que constroem as maneiras de viver do nosso povo. Nossas fontes sejam elas a história oral, as memórias que resistem ao tempo ou as imagens que nos revelam a riqueza cultural festiva da nossa cidade, têm grande valia para a História Cultural.

Por sua vez, a contribuição aos debates acadêmicos se acalora na medida em que colocamos um tema quase nunca explorado no meio acadêmico. O carnaval, enquanto prática cultural, enquanto história, enquanto lugar de memória, parece passar despercebido das pautas das salas de aula das universidades e também das mesas redondas dos grandes congressos sobre História Cultural. Nesse “enclausuramento” intelectual que vive a temática do carnaval, encorajamo-nos a encaminhar tal pesquisa nesta área pouco explorada entre os historiadores. Almejamos, assim, cooperar com as discussões acadêmicas acerca da folia carnavalesca e propomos fazer uma reflexão aos nossos pares sobre a importância de se levar essa temática até o meio acadêmico.

Esclarecidos os pontos norteadores desta pesquisa, vamos averiguar, de agora em diante, o perfil dos sujeitos por ela abordados. Colaboraram para a execução deste trabalho pessoas que sempre viveram na cidade ou que tenham passado grande parte de sua vida neste centro urbano. Estes senhores e estas senhoras que se disponibilizaram a acrescentar suas histórias à nossa pesquisa são pessoas de todos os segmentos da sociedade: comerciantes, políticos e outros tipos de categorias que também - tomamos a liberdade de dizer - escrevem a história da nossa cidade, já que todos nós somos agentes da história.

No primeiro capítulo deste trabalho, abordaremos as representações do carnaval, como os aroeirenses vivenciaram essa prática festiva e suas memórias sobre uma época de rica manifestação da cultura local. Refletiremos sobre o conceito de carnaval, sua origem e trajetória na sociedade brasileira e mundial. Transmitiremos nossa compreensão sobre história, focalizando sempre para a História Cultural, o que é esse segmento da história e qual sua contribuição para as discussões acadêmicas. Buscaremos elucidar como o carnaval se insere no contexto da História Cultural e qual seu valor no debate historiográfico.

No segundo capítulo, trabalharemos com a cidade de Aroeiras e as práticas de diversão nos anos 1960-1980, como eram os espaços de sociabilidade, a história da cidade e sua localização geográfica, as memórias dos moradores sobre a cidade, a construção da sua identidade e a formação do patrimônio histórico-cultural aroeirense.

1. REPRESENTAÇÕES DO CARNAVAL NAS TESSITURAS DA MEMÓRIA COMO PATRIMÔNIO HISTÓRICO

Abordaremos as representações em torno da festividade do carnaval na cidade de Aroeiras, como essa festa moldou a memória de seus moradores e como se transformou num patrimônio histórico-cultural dos aroeirenses. Trataremos da importância de se preservar o patrimônio e como esse trabalho contribui para o enriquecimento das noções de memória e patrimônio da cidade.

1.1 O carnaval como espaço de Memória e Patrimônio

O carnaval, como prática cultural, é uma manifestação das mais significativas na história da humanidade. Festejada em vários países, ele chega ao Brasil como entrudo, realizado para comemorar a chegada da família real ao país. Há outras versões sobre o seu surgimento, mas esta é a mais conhecida.

O termo vem do latim, *carne[m] levare* ou *carne levarium*, palavra que significa “a véspera da quarta-feira de cinzas”. Sua origem está ligada ao paganismo romano, quando, na Roma dos césares, ocorriam as famosas saturnálias, de caráter orgiaco. Também em homenagem a Baco, deus do vinho, em comemoração pela safra vinícola que ocorria na Grécia antiga.

O carnaval se consolidou como uma tradição milenar em várias partes do mundo, sendo comemorado de diferentes formas, variando entre cidades, regiões e países. É uma tradição inventada, como diria o historiador Eric Hobsbawm na obra *A Invenção das Tradições*. Inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo.

O carnaval é uma tradição inventada e que posteriormente tornou-se institucionalizada em vários estados ao longo da história. Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas [...] (HOBSBAWM, 1997, p. 09).

O contexto do carnaval local na cidade de Aroeiras é de extrema importância para a História Cultural da cidade, à medida que a história desta caminha juntamente com o carnaval, realizado, segundo nossas remotas fontes, desde os anos 1930 até a atualidade. Dessa forma, essa festa é construtora da memória e da identidade dos aroeirenses, não podendo estar desvinculada da história da cidade.

Compreendemos por história toda a convivência social da humanidade, desde os tempos mais primitivos até a modernidade. Para compreendermos a maleabilidade da história, levando em consideração que ela não é uma ciência exata, que precisa de experimentos, de fórmulas, de práticas e de comprovações, mas de experiências, teorias e hipóteses fundamentadas sobre determinado assunto em um tempo-espaço eleito pelo historiador, levamos em consideração que a história é essencialmente equívoca, à medida que a sua construção nada mais é que um discurso proposto de “verdades”. Dessa maneira, nas palavras de Le Goff (1990, p. 22), “a história é na verdade o reino do inexato [...]. O método histórico só pode ser um método inexato. A história quer ser objetiva e não pode sê-lo. Quer fazer reviver e só pode reconstruir”.

Ela, como todas as demais ciências sociais, como a sociologia, antropologia, filosofia, entre outras, parte das experiências e convivências do ser humano em sociedade para se formular, tornar-se História, a partir do momento em que todo ser vivo já produz história na própria prática do existir.

Na visão de Marc Bloch, citado por Le Goff (1990), a história é “a ciência dos homens no tempo”. Segundo ele, a história deve compreender o “presente pelo passado” como também compreender o “passado pelo presente” (BLOCH apud LE GOFF, 1990, p. 18-19).

A visão de Marc Bloch é enfática sobre a compreensão do presente e do passado. Não se pode compreender o presente por si só; é necessário revisitar o passado para assim perceber o alicerce que formulou o presente. Não há nenhum ser humano sem passado, muito menos uma sociedade. O passado nos diz quem somos e o que nos tornamos. Assim como uma fotografia revela uma época de nossa vida, traz à tona uma particularidade de uma época.

A infância, juventude e idade adulta podem ser “contadas” através de um álbum fotográfico. Assim se dá com todas as nossas histórias de vida. É o passado que dirá o que nos tornamos hoje. Assim se faz história! Ela se produz nas tessituras da memória daqueles que revivem o passado. A rememoração, os lugares de memória fazem parte da história de vida de todos os sujeitos sociais, pois o passado é o alicerce do presente e o sustentáculo do futuro.

Devemos refletir sobre a colocação de Marc Bloch de que todo ser que vivencia a sua história revive seu passado através de seu presente. Sendo assim, o presente diz muito a respeito do passado, pois nos remetemos ao passado com base nas visões do presente. Nessa linha de raciocínio, precisamos esclarecer que quando “contamos” o nosso passado a alguém, ou o revivemos, recordamos histórias. Mesmo fazendo uso de nossa memória, nós selecionaremos aquilo que consideramos mais relevante para vir à tona.

Para Benedetto Croce, citado por Le Goff (1990), a história é dominada pelo presente. Dessa maneira, não seria possível repensar fatos históricos. Febvre (apud LE GOFF, 1990, p. 20) mostra que o passado poderia ser organizado em função do presente. Essa ideia se direciona no sentido de que o passado pode ser repensado a partir do presente. Este último teria força suficiente para determinar a rememoração daquilo que se passou.

Essa relação entre passado e presente é sempre recorrente nos estudos de história. O historiador tem como instrumento de trabalho a temporalidade e, desta forma, é impossível não recorrer ao passado, pois todos nós temos um passado, nossos descendentes, nossa cidade, Estado e país onde habitamos; tudo faz parte da história, que forma um círculo englobando a história particular de cada um à história global. Mas vamos compreender o que significa o termo história antes de adentrarmos na discussão sobre História Cultural.

1.2 Reflexões sobre carnaval no contexto da História Cultural

O termo *história* deriva de Clio, musa da história que habitava o Monte Parnaso, morada das musas, onde esses seres divinos, filhos de Zeus e Mnemósine, a Memória, moravam. Para Pesavento (2004), a História Cultural parte da ideia de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelo ser humano para explicar o mundo, sendo a cultura uma forma de expressão e tradução da realidade, de forma simbólica, através das palavras, das coisas, das ações e dos atores sociais.

A História Cultural preocupa-se com o cotidiano, a linguagem, os usos e toda forma de expressividade popular, seja através do trabalho, das artes, da religiosidade ou dos modos de viver de um povo. Um dos historiadores que mais se destacou no âmbito da História Cultural foi o francês Michelet. Ele identificou o povo, as massas, como personagens da história e como protagonistas dos acontecimentos.

Assim, a História Cultural do carnaval seria aquela ligada às massas que vivenciam a festa e às formas como os carnavalescos realizam, cada um, a sua própria festa particular, em que esta se mescla com as demais. São as histórias construindo os saberes e práticas do local. Segundo Bakhtin (1993, p. 06), “no carnaval não há distinção entre atores e espectadores, pois estes últimos não assistem ao carnaval, mas o vivenciam”.

Para Pesavento (2004, p. 43), “a História Cultural ganha um novo conceito, o imaginário, sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo”. Nesse sentido, entra em ação a subjetividade; o ser humano é capaz de produzir cultura a partir de sua imaginação, sua criatividade, pois o faz inserir-se dentro de um determinado contexto que permita criar e vivenciar a História Cultural. Como diria Barros (2003, p.146), todo ser humano produz cultura automaticamente, pois a linguagem e as práticas discursivas constituem cultura.

Visto deste modo, compreendemos que a cultura é um fenômeno espontâneo do ser humano, pois não é possível viver desprovido de cultura, já que ela é produzida no campo da subjetividade humana; falar, cantar, dançar, desenhar, cultuar os deuses,

criar formas de lazer, tudo isso constitui cultura. Logo, História Cultural nada mais é do que uma narrativa de tudo aquilo que a humanidade produz no âmbito da cultura.

Orientando-se em geral por uma noção muito restrita de “cultura”, os historiadores do século XIX costumavam passar ao largo das manifestações culturais de todos os tipos que aparecem através da cultura popular, além de também ignorarem que qualquer objeto material produzido pelo homem faz também parte da cultura - da cultura material, mais especificamente. Além disto, negligenciava-se o fato de toda vida cotidiana estar inquestionavelmente mergulhada no mundo da cultura (BARROS, 2003, p. 145).

No século XIX, os historiadores tinham uma percepção restrita de cultura. Não se reconhecia a cultura popular e material da época; também se ignorava que a vida cotidiana fizesse parte da cultura. Hoje, já se reconhece que todas as pessoas têm cultura e fazem cultura. Assim, não são somente aqueles sujeitos eruditos, com formação acadêmica, que são os produtores da cultura, mas também as pessoas simples, sem formação acadêmica, que estão em todas as partes da sociedade, independentemente do conhecimento científico que tenham adquirido ou não.

Tomemos como exemplo um livro que, ao escrevê-lo, seu autor produziu certo conhecimento cultural. De acordo com as novas concepções teórico-metodológicas, o leitor desse livro também passa a produzir cultura, pois ele recria o texto que está lendo com base nos seus conhecimentos, sejam eles científicos ou do senso comum.

Durante o século XIX, isso era inimaginável, ou seja, alguém sem formação científica ter conhecimento para produzir cultura. Com o advento da Nova História Cultural e a ressignificação do marxismo, foi possível o reconhecimento da cultura popular, que antes estava presa às concepções científicas reinantes durante este período.

A Nova História Cultural veio dialogar com os sujeitos produtores e receptores de cultura. Uma nova era na História Cultural foi inaugurada pelos franceses Certeau e Chartier. Michel de Certeau (1994) estudou minuciosamente as normas culturais através do cotidiano. Em seu livro *A invenção do cotidiano*, descreveu as artes de viver a sociedade de consumo, a partir das táticas de resistência e astúcias sutis dos homens ordinários, para ele, pessoas comuns do cotidiano.

Chartier (apud BARROS, 2003, p. 156-157) expôs como a cultura oral e a cultura escrita se mesclam através dos indivíduos não-letrados, que podem participar da cultura letrada a partir de práticas culturais diversas.

São práticas culturais não apenas a feitura de um livro, uma técnica artística ou uma modalidade de ensino, mas também os modos como, em uma dada sociedade, os homens falam e se calam, comem e bebem, sentam-se e andam, conversam ou discutem, tratam seus loucos ou recebem os estrangeiros (BARROS, 2003, p.13).

O carnaval também se constitui numa prática cultural inventada a partir do cotidiano das pessoas comuns. Para Bakhtin, (1993, p. 07), “o carnaval é a segunda vida do povo, baseada no princípio do riso. É a sua vida festiva. A festa é a propriedade fundamental de todas as formas de ritos e espetáculos cômicos da Idade Média”.

Como bem sabemos, o riso era condenável durante toda a Idade Média. Considerado uma prática pecaminosa, o riso só era permitido em raras exceções, como as festas, entre as quais o carnaval se inclui. Esse modo de viver tão rude quanto ao riso fazia parte da estética burguesa da modernidade, na qual a seriedade do comportamento era tido como modelo para a sociedade.

Naquela época, o caráter religioso e feudal predominava na Europa e o riso opunha-se ao mesmo. Então, nas festas, elegiam-se reis e rainhas para rir durante toda a festividade, sendo o riso associado sempre às festas carnavalescas, religiosas, agrícolas e civis. O carnaval na Idade Média constituía-se na representação da própria vida. Bakhtin (1993, p. 06) evidencia: “No carnaval não há distinção entre atores e espectadores, pois estes últimos, não assistem ao carnaval, mas o vivenciam”.

Durante o medievo, a população que vivia sob as regras do catolicismo, que abrangiam a vida social, cultural e religiosa das pessoas, só conseguiam quebrar essa rigidez comportamental da moral cristã da época através do carnaval, que então era considerado a representação da própria vida. Muitas vezes, o conteúdo das brincadeiras carnavalescas era uma paródia da própria moral cristã da época, dos cultos religiosos.

Naquele período, não havia a noção de lazer. As festas surgiram para amenizar a tristeza do povo durante períodos de crise ou de catástrofes naturais, por exemplo.

Elas serviam para promover uma “segunda vida” ao povo, de liberdade, igualdade e abundância, mesmo legitimando o poder do Estado feudal e do catolicismo vigente. Bakhtin (1993, p. 08) assevera que “o carnaval era o contrário da festa oficial: reino temporário da liberdade, da abolição das hierarquias vigentes e de todas as regras e tabus”.

O carnaval como festividade pública vai mais além do que um momento de folia. Ele engloba um sentido social e coletivo. Sendo assim, o carnaval de Aroeiras é um complexo de trocas culturais entre todos os atores sociais envolvidos. Ocasão lúdica na qual as fronteiras simbólicas intransponíveis dos diversos grupos sociais se interligam, criando um complexo emaranhado de trocas culturais.

Pensemos o carnaval enquanto festa e, mais além disso, enquanto prática cultural, na qual a sociedade aroeirense, através das práticas carnavalescas, envolve-se, dialogando, criando redes de sociabilidade ou mesmo criando tensões entre os diversos sujeitos envolvidos nessa complexidade festiva.

As práticas culturais do carnaval são bastante peculiares a uma determinada sociedade ou local específico, variando de um ambiente para outro. Por exemplo, durante o século XIX, na Europa, as pessoas da alta sociedade jogavam o entrudo: prática pela qual, nas dependências do interior das casas, quintais ou jardins, jogavam-se ovos, cascas de laranja, pó e tudo o mais que poderia sujar o próximo.

Trazendo agora o exemplo para a história local da cidade de Aroeiras, havia uma prática bastante peculiar nesta cidade: a de se fazer uma pequena “peça teatral” de improviso, com o objetivo de ganhar a admiração das pessoas e também angariar alguns recursos, doações financeiras para pagar alguma bebida ou outro divertimento da festa. Desta maneira, é indispensável ressignificar a importância dessa festa, com suas práticas culturais, para a construção da memória e identidade local dos aroeirenses.

O carnaval é uma importante peça na constituição da identidade regional da cidade, diferenciando-se de outros locais. A partir deste ponto identitário, que nos dá a noção de pertencimento a um só grupo que, no caso, é a cidade de Aroeiras, embasamos nosso texto nas memórias dos nossos colaboradores e também na

oralidade, para que possamos compreender o carnaval como construtor da identidade local e como patrimônio dessa construção.

O conceito de identidade carrega consigo um aspecto contraditório, ao mesmo tempo em que necessita da diferença num espaço mais amplo global (o ser diferente de outras comunidades), busca também a igualdade entre os integrantes da mesma comunidade, a identidade é formada na diferença com relação aos outros e na igualdade com relação ao nós (DELGADO, 2012, p. 43).

A classificação do carnaval como elemento construtor da identidade nacional brasileira está descrita por Bruhns (apud DELGADO, 2012, p. 44):

Os brasileiros veem no Brasil o país do carnaval. As datas dos compromissos, muitas vezes, são modificadas (adiantadas ou atrasadas) em razão da proximidade dessa data. Durante quatro dias, o país 'estaciona para pular' ou acompanhar os festejos, os quais recebem grande divulgação dos meios de comunicação de massa. É quase impossível não se contagiar quando "tudo é carnaval".

Desta forma, podemos entender que a construção da identidade nacional a partir do carnaval está para o Brasil assim como a construção da identidade local a partir do carnaval está para a cidade de Aroeiras. A importância da manutenção dessa festa como patrimônio cultural dos aroeirenses reside na sua própria identidade, que se confunde com a história do carnaval local, pois o carnaval nasce em Aroeiras praticamente com o povoamento dessa cidade, já que desde os tempos em que ainda era vila, lá pelos anos 1930-1940, já ganhava destaque como a principal data festiva da localidade.

A visão do carnaval como sinônimo de liberdade, quando se pode esquecer por algum momento as regras da sociedade em nome do reino da folia, da diversão e da algazarra, está descrita na obra do grande autor Bakhtin (1993, p. 06):

Os espectadores não assistem ao carnaval, eles o vivem, uma vez que o carnaval pela sua natureza existe para todo o povo. Enquanto dura o carnaval, não se conhece outra vida senão a do carnaval. Impossível escapar a ela, pois o carnaval não tem nenhuma fronteira espacial. Durante a realização da festa, só se pode viver de acordo com as suas leis, isto é, as leis da liberdade. O carnaval possui um caráter universal,

é um estado peculiar do mundo: o seu renascimento e sua renovação, dos quais participa cada indivíduo.

O carnaval, mais do que uma festa institucionalizada, é uma festa subjetiva que se cria na mente de cada folião. Bakhtin (1993) afirma que durante a realização da festa só é possível viver de acordo com as suas leis particulares, as leis da liberdade que, para ele seriam bem representadas pelo carnaval. Também se pode notar, aqui, a imposição do carnaval como construtor da identidade de um povo.

Além de ser construtor da identidade de um povo, o carnaval também se constitui como patrimônio imaterial, ou seja, manifestação cultural festiva que se torna patrimônio cultural.

São considerados bens patrimoniais imateriais as manifestações das culturas populares, festejos tradicionais, rituais, técnicas produtivas, cantos, contos, lendas, além de hábitos, costumes e crenças de uma sociedade (CRUZ & MENEZES, 2008, p. 09).

Antes da renovação da História Cultural, acreditava-se que apenas os bens materiais se constituíam em patrimônio cultural. Hoje, com a Nova História Cultural, as crenças do positivismo foram deixadas de lado e já se reconhece que as práticas culturais são também patrimônio cultural da humanidade.

Quanto à história local do carnaval, a mesma regra é válida: de construção do patrimônio histórico cultural da cidade. À medida que a festa se tornou rotineira, fazendo parte do calendário festivo de Aroeiras e se repetindo todos os anos, ela faz parte da construção da história local e do seu patrimônio histórico.

Para revisitar esse patrimônio, devemos recorrer à memória, seja ela individual ou coletiva. Esse conceito de memória foi tratado pelo sociólogo Maurice Halbwachs (1990). Procuramos ouvir os relatos dos nossos colaboradores, com suas memórias a respeito do carnaval de nossa cidade, no tocante à memória e representação desta celebração.

Essas memórias foram fundamentais para a construção do nosso trabalho, bem como para as nossas reflexões no campo da História Cultural. Procuramos entender o

conceito de memória para alguns autores, promovendo um diálogo interdisciplinar entre eles. Para Santos (2007, p. 85),

o ato de memória reveste-se assim de uma intencionalidade que transcende a perspectiva de “conhecer o passado”, reconstruí-lo, propondo-se, nesse caso, a revivê-lo, na sua passionalidade, na capacidade de deixar vir à tona as memórias, com toda a carga afetiva que elas possuem e que irá, também, delimitar ações e reações necessárias ao exercício político, seja ele individual ou coletivo, marcando identidades e lutas.

A memória seria uma revisitação do próprio passado, acrescida da afetividade de quem o revive através de suas emoções. Sendo assim, ela seria também seletiva, pois nos lembramos das ocasiões que marcaram nossa vida como algo bom. Esse passado, carregado de emoção e subjetividade, que influencia o tempo presente, é chamado de rememoração e foi conceituado por Gagnebin (apud SANTOS, 2007, p. 86) nos seguintes termos:

A rememoração também significa uma atenção precisa ao presente, particularmente a estas estranhas ressurgências do passado no presente, pois não se trata somente de não se esquecer do passado, mas também de agir sobre o presente. A fidelidade ao passado, não sendo um fim em si mesmo, visa à transformação do presente.

O ato de rememorar consiste em buscar as lembranças do passado de maneira saudosista, já que esse passado tem um grande significado emocional para quem rememora. Assim, para um de nossos colaboradores, o carnaval de Aroeiras é motivo de grande saudosismo e fortes lembranças. Para o poeta e escritor Dudé das Aroeiras, “Inocência, pureza, fantasia e mágica. Tudo isso fazia parte da vestimenta da alma do folião. Era um carnaval dos sonhos” (informação verbal¹). Já para a senhora Josefa de Lourdes de Souza Assis, quando relembra a chegada do carnaval (2013, pág. 1), “era

¹AROEIRAS, Dudé das. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de Dudé das Aroeiras sobre o carnaval do município de Aroeiras-PB. p. 03; 10 de Agosto de 2013. Entrevista concedida a Francisco de Assis de Araújo Silva.

muita ansiedade, a gente quase nem dormia esperando. Os carnavais eram bons demais” (informação verbal²). Ainda para Santos (2007, p. 88-89),

o contar o passado é um processo no qual a memória que emerge não pode prescindir do seu par, o esquecimento, e a ligação entre um e outro é ditada pela necessidade que o presente estabelece de reviver/reatualizar o passado e, dessa forma, lidar com um presente conflituoso.

De acordo com as ideias de Santos, trabalhar com memória não é algo estático, muito menos perfeito. As falhas são inevitáveis, e é necessário saber compreendê-las, pois a memória do ser humano é como já dissemos antes, seletiva. Ela faz vir à tona as melhores lembranças do passado, as grandes emoções vividas e os grandes fatos que marcaram nossa vida. De acordo com Santos (2007, p. 95), “memórias individuais e coletivas são em grande medida espaços de homens e grupos se encontrarem e se portarem como sujeitos da história”.

Quando lembramos esse passado associado a um local fixo, podemos chamá-lo de “lugar de memória”, que seria aquele que faz vir as lembranças de um certo momento, sempre ligadas a um lugar fixo. Quando queremos, além de relacionar nossa memória a um determinado lugar, revivê-lo, reavivar o passado, este ato seria rememorar.

Santos (2007) refletiu sobre esse ato na obra do autor Carmo Bernardes intitulada *Rememórias dois – crônicas*, de 1969, na qual o autor descreve sua infância no interior de Minas Gerais, na cidade de Patos de Minas, onde foi criado em um meio rural e aprendeu atividades ligadas ao mesmo. Ele transformou sua obra em um lugar de memória que fazia permanecer vivo o mundo que lhe parecia fadado ao desaparecimento. Para tal feito, ele utilizou a rememoração. Pretendia reavivar esse passado, “trazê-lo de volta”. Assim, o autor trouxe as suas lembranças do passado distante, para escrever seu presente.

Procurando compreender melhor o sentido de memória, refletimos sobre a colocação de Le Goff (1990, p. 366):

² ASSIS, Josefa de Lourdes. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de Josefa de Lourdes de Souza Assis sobre o carnaval do município de Aroeiras-PB. p. 01; 08 de Agosto de 2013. Entrevista concedida a Francisco de Assis de Araújo Silva.

A memória, como propriedade de preservar certas informações, remete-nos em primeiro a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.

O estudo da memória está ligado à psicologia; a história toma de empréstimo essa ferramenta necessária ao procurar o passado. A memória torna-se indispensável quando as fontes escritas são insuficientes para fazer uma determinada pesquisa.

Para Schmidt & Mahfoud (1993), não há uma memória estritamente individual, à medida que as lembranças dos indivíduos são construídas a partir de sua relação de pertença a um grupo. A memória individual se constrói por meio das relações sociais entre grupos e baseada numa forma particular de articulação dessas relações.

Então, seguindo esse raciocínio, entendemos que a memória individual não existe de forma isolada, tomando para si o campo subjetivo do indivíduo ao qual pertence, mas é formulada nas relações sociais de um grupo com pontos em comum ou de vários grupos que mesclam suas culturas num círculo social.

Quanto à memória coletiva, segundo Schmidt & Mahfoud (1993), ela é construída quando um grupo social se articula e localiza lembranças dentro de quadros sociais comuns. A memória coletiva nada mais é que um acervo de lembranças compartilhadas.

Cada autor examina, com suas próprias visões, os conceitos de memória coletiva e memória individual de Halbwachs. Segundo Pollak (1989), em sua análise da memória coletiva, Maurice Halbwachs (1990) enfatiza a força dos diferentes pontos de referência que estruturam nossa memória e que a inserem na memória da coletividade a que pertencemos. Como exemplo, o autor cita os lugares de memória como pontos em comum da memória coletiva: os monumentos, o patrimônio arquitetônico, as datas e os personagens históricos são, todos, memória coletiva.

2. O CARNAVAL EM AROEIRAS COMO MEMÓRIA, HISTÓRIA E PATRIMÔNIO

Neste capítulo, abordaremos a cidade, com seus espaços de sociabilidade, a história, sua localização geográfica, as memórias de seus moradores, a construção de sua identidade e a formação do patrimônio histórico-cultural da cidade. Abordaremos os relatos dos moradores da cidade sobre o carnaval no período de recorte e como era viver em Aroeiras naquela época.

2.1 Memórias de Aroeiras: delineando o espaço da cidade

Para situarmos a memória e história do carnaval aroeirense enquanto patrimônio torna-se importante refletir sobre a cidade no contexto do recorte que enfatizamos neste estudo. A cidade está situada na região do Agreste paraibano. Aroeiras se distancia de Campina Grande cerca de 57,1 km e, da capital, João Pessoa, cerca de 135 km. Conta com uma área territorial de 374,697 km². Seu principal bioma é a Caatinga e foi emancipado em 2 de dezembro de 1953.

Antes de adentrarmos a discussão sobre os carnavais, vamos situar o contexto sociocultural da cidade à época. No início dos anos 1960, Aroeiras já se dizia uma cidade moderna; a luz elétrica provinha de um gerador que ficava no centro da cidade, por trás de um beco. Ele abastecia o município com uma pequena instalação pela principal rua da cidade, a Rua do Comércio. Essa rua, como o nome já indica, concentrava toda a atividade comercial da pequenina Aroeiras dos anos 1960.

Nessa época, o principal produto comercializado na cidade era o algodão, fruto da grande produtividade que então havia dessa cultura. Os pequenos agricultores traziam o algodão colhido em seus sítios para vender na cidade nas casas de comércio de algodão. Estas posteriormente revendiam o produto para Campina Grande, que o enviava em grande parte para a Europa.

Também havia um grande destaque no setor alimentício, com produção de leite e seus derivados, chegando a haver até uma pequena fábrica de beneficiamento do leite, que acabou fechando logo em seguida. Além da produção de leite e laticínios, o comércio local vendia tecidos para fazer roupas, pois, naquela época, as roupas eram

confeccionadas artesanalmente por alfaiates e costureiras, que faziam as vestimentas customizadas. Não havia supermercados; as compras de gêneros alimentícios eram feitas em pequenas vendas, destacando-se o Mercadinho Luna, do senhor Abílio Luna, entre outros. Também não havia restaurantes; os espaços para se tomar uma cerveja ou uma gasosa; que era um refrigerante típico na época que hoje corresponde a guaraná, eram o bar do senhor Lucas Cavalcanti, além de outros pequeninos espaços.

Quanto aos lugares de sociabilidade, as relações culturais da cidade se davam basicamente no Centro Cultural Recreativo Aroeirense, o único clube de baile da cidade. O cinema começou a funcionar no mercado público municipal, onde se colocavam lonas nos frisos das portas para fechar o espaço e transformá-lo em sala de exibição. Contam nossos rememoradores que os filmes assistidos eram os de bang-bang, o famoso faroeste americano. Destaque para filmes do Zorro e outros personagens, como o Capitão América, além de alguns romances da época.

Outro centro de entretenimento era a televisão, que ficava na praça Souto Maior, centro da cidade. Havia uma pequena sala acima da praça onde se colocava uma televisão que, naquela época, era em preto e branco e com caixa de madeira, para divertir as famílias aroeirenses. A primeira televisão da cidade pertencia a um coletor de impostos chamado Seu Barbosa. Posteriormente, a prefeitura teria comprado um aparelho e colocado nesta praça, segundo alguns moradores contam.

O rádio também era um importante meio de comunicação em Aroeiras a partir da década de 1950 em diante. As rádios ouvidas por aqui eram a Borborema, Caturité e Cariri (de Campina Grande), além da Rádio Jornal do Comércio, Difusora de Limoeiro, Clube de Pernambuco e Tamandaré (estas de Pernambuco). Apesar da dificuldade em sintonizar, devido à região da cidade ser cercada de serras, o que impede a passagem de sinal, essas rádios ajudaram muito a manter os aroeirenses informados sobre o que se passava durante a Segunda Guerra Mundial, por exemplo, ou no período pós-guerra.

Numa época em que a televisão ainda não ganhara seu espaço, pois as transmissões via satélite não tinham começado aqui no Brasil, o rádio era o grande protagonista dos meios de comunicação. Ele fez parte da formação da identidade local dos aroeirenses.

2.2 Carnaval como espaço de saudade, memória e história: perscrutando a cidade de Aroeiras

Pensar o carnaval como prática cultural construtora da memória e identidade local dos aroeirenses pressupõe refletir sobre seus antecedentes históricos. Pelo que consta nos relatos orais de nosso rememorador, o poeta Dudé das Aroeiras, o carnaval surgiu na nossa cidade como uma disputa entre dois partidos políticos, que criaram cada qual o seu bloco. Dessa maneira, o carnaval ganha uma conotação político-partidária logo na sua fase inicial.

No primeiro bloco carnavalesco na década de 30, havia uma disputa entre perrepistas e liberais. Antônio Cosmo era do partido liberal, um comerciante de algodão, e, do outro lado, Nequinho sapateiro era o perrepista. Daí surgiu esses blocos, perrepista e liberal: o perrepista surgiu logo após o PSD; era uma ramificação do PSD e os liberais, uma ramificação da UDN. Então, havia essa rivalidade política, que acabou adentrando na história do carnaval do nosso município; o bloco dos perrepistas, de lenço vermelho no pescoço, em disputa com os liberais. O interessante desses dois blocos é que havia um segredo: quando saía, quem era perrepista acompanhava o bloco dos perrepistas; quem era liberal, acompanhava o bloco dos liberais. E tornava-se um carnaval festivo; não tinha briga nenhuma, não, era apenas uma questão de ideologia política que fantasiava o carnaval na política de uma forma alegre. Cada um que levasse o seu bloco mais bonito; era uma rivalidade política, mas não havia briga. Essa rivalidade acabou engrandecendo e enriquecendo o nosso carnaval. Tinha também uma disputa financeira dos fazendeiros; tinha fazendeiro perrepista que investia no bloco dos perrepistas e tinha fazendeiro liberal que investia no bloco dos liberais. Eu acredito que essa disputa deva ter durado por uns 10 anos. Pelo que a história conta, não se tem registro disso (informação verbal³).

Não temos informações detalhadas que nos levem às origens carnavalescas das décadas de 1930, 1940 e 1950, respectivamente, pois, naquela época, nada se registrava por escrito; apenas se preservava na memória daqueles que vivenciavam essa experiência festiva. Como grande parte das pessoas que viveram nessa época se foi, levaram consigo seu legado de memórias e de histórias nesse emaranhado de

³ AROEIRAS, Dudé das. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de Dudé das Aroeiras sobre o carnaval do município de Aroeiras-PB. p. 01; 10 de Junho de 2014. Entrevista concedida a Francisco de Assis de Araújo Silva.

confetes, serpentinas e recordações de outrora, que povoavam o lúdico carnaval de Aroeiras.

Nas instituições públicas, não constam registros desses carnavais, e raramente encontram-se relatos vagos sobre eles. Uma antiga coleção de fotos do poeta Dudé das Aroeiras, adquirida com antigos moradores da cidade, é nossa única relíquia histórica que remete a essa época. As imagens são os autênticos documentos de que o carnaval já existia em Aroeiras muito antes do nosso recorte temporal, as décadas de 1960-1980. Mas, antes de adentrarmos nas leituras das imagens, empreenderemos uma reflexão sobre o que é patrimônio e sua importância para a constituição da história local.

O patrimônio cultural é uma construção coletiva de toda sociedade, que abrange as formas de expressão da cultura popular, os modos de criar, fazer e viver, as obras de arte e arquitetura, as festas, as crenças, as danças, a música, a língua, a literatura, as lendas folclóricas, as pinturas, as artes cênicas, as esculturas, a indumentária, a culinária, os lugares de memória. Entre estes, as praças, os santuários, as feiras, os mercados, os monumentos históricos, as datas históricas e toda representação cívica sobre elas.

Representa ainda o patrimônio cultural as memórias que se contam sobre os agentes que marcaram a história por seus feitos patrióticos e os documentos arquivados nas instituições públicas e privadas. Também os arquivos pessoais, sejam eles textos, livros, panfletos, fotos ou qualquer artigo do gênero, objetos antigos que remetem a um passado histórico. Todos esses bens culturais constituem patrimônio histórico-cultural.

Por sua vez, o patrimônio cultural divide-se em patrimônio cultural material e patrimônio cultural imaterial. O primeiro compreende as casas, prédios, mercados, igrejas, praças, cidades inteiras, tudo que se remete ao patrimônio físico que constitui parte importante da história de um povo. Já o segundo é ligado às manifestações culturais, como a literatura, os cordéis, as poesias, a música, as danças, as festas de um modo geral, bem como toda manifestação subjetiva e lúdica da mente humana que leve ao sentimento de patrimônio e pertencimento de um lugar, uma comunidade ou uma nação.

Devemos lembrar que o conceito de patrimônio histórico e cultural está ligado ao de lugar de memória, pois só é possível haver patrimônio se este estiver agregado ao uso de determinado(s) espaço(s) e certa(s) temporalidade(s). Os lugares de memória assumem um significado na memória coletiva de um grupo, pois criam uma unidade de pertencimento em seu campo subjetivo; esse grupo compartilha um passado comum e uma identidade social que dá o sentimento de pertencimento a um mesmo lugar e a uma mesma temporalidade histórica.

Nessa mesma linha de pensamento, a memória é, para Pesavento (apud TOMAZ, 2010, p. 02), a “presentificação de uma ausência no tempo, que se dá pela força do pensamento – capaz de trazer de volta aquilo que teve lugar no passado”. Essa ideia pode ser comprovada na fala de alguns de nossos colaboradores, entre eles o Sr. Gilberto Bezerra, ao falar da expectativa pela realização do carnaval: “a expectativa era grande e era um carnaval diferente dos carnavais de hoje. Completamente diferente. Era uma festa que a comunidade esperava que fosse sucesso” (informação verbal⁴).

Sua fala reflete a importância desse lugar de memória, que gera o sentimento de pertencimento desse carnavalesco. Ao afirmar que era um carnaval diferente dos de hoje, torna-se nítido que esse lugar de memória torna-se fixo na mente de quem vivenciou essa festividade. Essa recorrência a um lugar de memória gera uma identidade; o indivíduo torna-se parte daquela festa, ele está a ela vinculado de maneira única, sendo uma peça importante num aglomerado de outros seres. Ele é parte daquele ambiente festivo, daquele grupo do qual se identifica com vínculos pessoais e socioculturais.

Henriques de Farias Lira, outro colaborador nosso, também ao falar sobre a chegada da festa, destaca:

A expectativa de carnaval daquela época era muito melhor, até porque era muito saudável o carnaval da época em relação à hoje. Hoje já inclui muitas bebidas, muitas drogas. E naquela época não existia nada disso. Então a gente brincava na maior inocência. É como se fosse uma coisa

⁴ BEZERRA, Gilberto. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de Gilberto Bezerra sobre o carnaval do município de Aroeiras-PB. p. 01; 12 de agosto de 2013. Entrevista concedida a Francisco de Assis de Araújo Silva.

inocente, você não tinha premeditação, você não fazia nada que fosse pra prejudicar os outros. O carnaval era uma coisa sadia, de alegria. Era brincadeira mesmo. Então era aguardado com muita ansiedade. Eu, pelo menos, gostava muito de carnaval e ficava contando os dias pra chegar o carnaval (informação verbal⁵).

Nessa fala, além de ressaltar o carnaval como lugar de memória, o rememorador apresenta certa dose de saudosismo, que o levará a um elo maior, que é a identidade com a festa. Ele também se sente parte importante daquela época; sua memória ressalta um tempo saudoso, que não volta mais. Também coloca um tom lúdico em sua fala quando destaca que brincava “na maior inocência”; era uma coisa inocente, não havia premeditação para prejudicar os outros.

Nosso colaborador cria a representação de uma brincadeira sem maldade na sua concepção sobre a realidade da Aroeiras festiva dos anos 1960, uma cidadezinha pacata no interior da Paraíba que ainda trazia para ele uma certa ludicidade às suas festas, mais precisamente, o carnaval. Essa representação leva à prática de festejar, com alegria e sem maldade na visão do nosso colaborador.

Essas memórias transcritas com um sentimento de identidade, moldado nas práticas e representações, reforça a importância do carnaval como patrimônio histórico-cultural da nossa cidade. Um patrimônio que necessita ser preservado para que não permaneça somente nas raras memórias que ainda persistem, mas que se torne, de fato, história e que assim conte o cotidiano do nosso povo de forma acadêmica, pois, até o momento, não temos registrado nada do gênero, nenhum trabalho científico que enfatize o carnaval. “Cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que são pontos de amarração de sua história” [...]. As lembranças se apoiam nas pedras da cidade” (BOSI apud TOMAZ, 2010, p. 02-03).

Entendemos que a preservação do patrimônio histórico não é apenas a conservação das edificações antigas da cidade e de objetos, mas toda a trajetória histórica da comunidade que forma a urbe. Dessa maneira, é necessário que se

⁵ LIRA, Marcos Henriques de Farias. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de Marcos Henriques de Farias Lira sobre o carnaval do município de Aroeiras-PB. p. 01; 12 de Agosto de 2013. Entrevista concedida a Francisco de Assis de Araújo Silva.

estabeleça uma política de preservação do patrimônio histórico-cultural da cidade, entenda-se, o carnaval.

O conceito de patrimônio é visto mais além de uma regra jurídica por Ferreira (apud COSTA & CASTRO, 2008), ao destacar que, para além da origem jurídica do termo, o sentido evocado ao termo *patrimônio* é o da permanência do passado, da necessidade de resguardar algo significativo no campo das identidades, do desaparecimento. Por outro lado, patrimônio pode ser entendido como uma categoria que envolve complexidade polissêmica. Segundo Gonçalves (apud SILVA, 2010, p. 36), a palavra

patrimônio, enquanto categoria de pensamento, é polissêmica, envolve vários sentidos e assume no mundo moderno três dimensões, pois é categoria jurídica, política pública e instrumento de comunicação social. Patrimônio é um bem que porta valor.

Nessa ótica de Gonçalves, compreendemos que a noção de patrimônio não fica apenas restrita ao campo historiográfico, mas abrange outras esferas, inclusive o poder público e suas políticas, bem como o poder jurídico, já que pode ser defendida dentro da legalidade a manutenção de certo patrimônio que já esteja devidamente tombado e, por último, a categoria histórica, que vem trazer seu valor para a sociedade à qual pertence.

Para Silva (2010, p. 36), “a categoria patrimônio é um potente instrumento analítico para entender a vida social e cultural no mundo atual”. Portanto, ao estudarmos patrimônio, estamos preocupados em discutir sua dimensão, bem como a dimensão patrimonial da cultura. Silva (2010, p. 37) argumenta que

o conceito moderno de patrimônio está ligado à existência do Estado Nacional, mas esta relação não é aparente, principalmente porque o uso em uma variedade de discursos, tais como patrimônio econômico, financeiro, familiar, cultural, arquitetônico, ecológico, etc. naturalizou-o. Hoje a noção de patrimônio se confunde com a de propriedade, principalmente com a herdada, reforçando a conotação utilitarista.

A noção de patrimônio cultural, por mais abrangente que seja, tem um único propósito: preservar a história de um povo, seja pelas suas festas, pela cultura material, a culinária, a religiosidade, enfim; todas as esferas culturais de caráter material ou imaterial precisam ser conservadas. Isso compreende o carnaval como patrimônio cultural imaterial do povo de Aroeiras, que também tem a necessidade de ser preservado e continuado como instrumento formador da identidade local e da memória da cidade, que se confraterniza em um patrimonialismo cultural local.

Durante muito tempo, não houve documentação escrita que preservasse a história do nosso carnaval; apenas a oralidade e as memórias transmitidas às gerações atuais. Além disso, as raras fotografias feitas naquela época, muitas se perderam por má conservação, restando pouquíssimos registros fotográficos.

É de grande valor histórico que o patrimônio que compreende a História Cultural local da cidade de Aroeiras a partir do carnaval seja estudado enquanto prática cultural, sendo esta celebração instrumento de pertencimento dos participantes num só elo, que é a identidade carnavalesca dos aroeirenses.

Para aprofundarmos a discussão de patrimônio cultural local e memória dos aroeirenses, vamos analisar algumas fotografias que conseguimos adquirir no contexto do nosso carnaval.

Na figura 01, podemos ver cenas do carnaval de Aroeiras no período de 1960. Conseguimos fotos de épocas anteriores, mas preferimos manter fidelidade à época de nosso recorte temporal, de 1960 a 1980, para não cairmos num anacronismo histórico. A foto mostra o baile dançante do carnaval de 1960, no Centro Cultural Recreativo Aroeirense. Notamos que era comum os homens usarem chapéus; a decoração era feita de papel colorido, com iluminação precária, com poucas lâmpadas incandescentes. O espaço parecia apertado diante da quantidade de pessoas. Ressaltamos que, naquela época, não havia preocupação em fotografar as pessoas dançando; eram muito raras as vezes em que se tiravam fotos dos bailes. Na maioria das ocasiões, fotografava-se geralmente a família e/ou os amigos reunidos numa mesa para beber e comer alguns petiscos.

FIGURA 1: Momento da folia.



Fonte: acervo pessoal do poeta Dudé das Aroeiras.

A figura 02 se refere precisamente ao ano de 1978. Não sabemos exatamente a data, mas somente a época na qual foi tirada. Interessante notar o comportamento das pessoas à mesa. O olhar sério num ambiente festivo, ainda mais se tratando do carnaval, que é o período da principal manifestação das emoções, da extravagância, da euforia e da ousadia nos quatro principais dias de folia, entre o sábado do Zé Pereira e a terça-feira de carnaval.

Alguns olhares sérios, outros indiferentes à câmera e um despretenso sorriso de quem aproveitava o carnaval como uma festa de reunião da família e dos amigos, ocasião de confraternização que ficava entre o formal e a informalidade daquele momento. O carnaval era uma festa que mexia com a imaginação das pessoas. O lúdico; o sentimento de pertencer à mesma cidade; às vezes, à mesma família ou ao

mesmo ciclo de amigos, torna o carnaval de Aroeiras singular, no sentido de que esse pertencimento forma a identidade local aroeirense.

Figura 02: Pessoas à mesa.



Fonte: acervo pessoal do poeta Dudé das Aroeiras.

Na figura 02, temos dois casais acompanhados de outras pessoas à mesa, bebendo refrigerante e outras bebidas. Percebe-se que, naquela época, as pessoas não tinham muita intimidade com as fotografias; era algo excepcional àquela sociedade. Os gestos, o tom de seriedade no rosto, um sorriso tímido que se apresenta de maneira cautelosa, como se houvesse um medo de banalizar aquele momento de confraternização entre amigos.

Observam-se também as vestimentas. As roupas eram casuais, nada de muito colorido, somente o básico para uma festa que se dizia, na época, ser do ajuntamento familiar dos aroeirenses. Era de fato uma festa formal, apesar de parecer fora de conexão o carnaval e a formalidade. Mas, naqueles anos de 1960, o carnaval tinha certa formalidade em sua realização. Esta foto foi tirada no Centro Cultural Recreativo

Aroeirense. Infelizmente, não dispomos de nenhuma foto que mostre o espaço desse clube em sua totalidade naquela época.

Figura 03: Foliões reunidos no Centro Cultural Recreativo Aroeirense.



Fonte: acervo pessoal do poeta Dudé das Aroeiras.

Na figura 03, a imagem, mesmo parecendo mais deteriorada, foi datada como sendo dos anos 1980. Já se percebe que o comportamento das pessoas diante da câmera muda bastante. Com alguns sorrisos, as pessoas se voltam para a câmera numa atitude mais desinibida. Interessante notar a ausência de imagens das pessoas dançando. Normalmente, elas se preocupavam mais em registrar os momentos em que estavam em torno da mesa, bebendo e comendo na companhia dos parentes e amigos. É possível ver a presença de adolescentes, mas as crianças não frequentavam essas festas realizadas no clube, pois, aos olhos vigilantes daquela época, cheios de pudor, não era conveniente para as crianças um ambiente com baile dançante e bebida alcoólica.

Figura 04: Presença de crianças na celebração do carnaval.



Fonte: acervo pessoal do poeta Dudé das Aroeiras.

Nossa quarta fotografia, datada de 1981, mostra um grupo de pessoas mais uma vez em torno da mesa. Parece repetitivo, mas era recorrente naquela época as pessoas fotografarem sempre os momentos de beber em grupo. Já se percebe que há uma abertura para as crianças. Vemos pelo menos três crianças: uma de pé, ao lado de um homem à esquerda; outra à mesa, sentada próxima a ela, e mais uma, à direita, sentada à mesa. Algumas pessoas já se sentiam mais à vontade para sorrir para a câmera sem nenhuma timidez, enquanto outros preferiam manter uma postura séria. Os homens já usavam shorts e alguns ficavam até descalços. Não se sabe o motivo, mas talvez para aliviar o calor e o aperto dos sapatos nas longas horas de duração do carnaval. De um modo geral, a postura das pessoas já assume uma espontaneidade maior em relação aos anos 1970.

As raras imagens dos carnavais da cidade revelam a falta de cuidado com o tratamento da preservação do patrimônio histórico local. Dentre as dezenas de fotografias que conseguimos, a quase totalidade delas não tinha datação, nem descrição de quem se tratavam as pessoas das fotos. Esse descuido com as datas e descrições decorre da ausência de historiadores que se empenhassem em cuidar do patrimônio histórico da cidade.

Além disso, o poder público também nunca demonstrou interesse em nosso patrimônio relativo ao carnaval. Não há nenhum trabalho de reconhecimento, preservação e valorização do patrimônio histórico-cultural de nossa cidade no tocante a essa festa. É como se a história local fosse apagada por negligência. Nos órgãos públicos do município, como a Secretaria de Educação e Cultura e, mais precisamente, a Diretoria de Cultura da cidade, não consta nenhum trabalho no sentido de ressignificar o carnaval como parte da história da cidade. O mesmo vale para as demais manifestações culturais.

Há uma perda de identidade causada pela não preservação da cultura pelos órgãos públicos e também pela grande influência da mídia com novas práticas carnavalescas. A não preservação da história local do carnaval como patrimônio histórico reflete a descaracterização da festa de outrora; a perda dos espaços sociais, como o Centro Cultural Recreativo Aroeirense, que hoje se encontra quase abandonado. Resta apenas o Bloco da Saudade, que ainda utiliza aquele clube para reviver os carnavais antigos com algumas pessoas que viveram os carnavais dos anos 1960-1980.

2.3 Memórias do carnaval de Aroeiras nos relatos de seus moradores

Nossa pesquisa reuniu, ao longo de meses de trabalho, relatos sobre as memórias do carnaval na cidade de Aroeiras a partir de entrevistas realizadas com várias pessoas, entre 60 e 70 anos de idade, que vivenciaram o carnaval dos anos 1960-1970 e têm memórias totalmente lúcidas sobre essa festa.

A respeito do advento da folia, nosso rememorador Abílio Luna bem conceituou o sentimento dos aroeirenses diante da festa:

Era muita expectativa, muita animação, as pessoas se preparavam antecipadamente pra comprar fantasia, se preparavam também financeiramente porque tinha que ter muita despesa, reservava um dinheirinho pra comprar lança-perfume, que era muito caro, e sem lança-perfume era muito chato. Até porque todo mundo estava com uma lança-perfume no bolso, você sem lança ficava até um pouco esquisito lá. E então, fantasias, quase todo mundo ia de fantasia. Aí reinava também o confete, a serpentina, isso aí tinha demais (informação verbal⁶).

Sua fala traz o saudosismo dos antigos carnavais que vivenciara e que, aos seus olhos, já não existem mais. Essa visão reforça sua identidade como carnavalesco aroeirense que muito participou da folia. Sobre o local de realização da festa, José Fernandes de Melo ressalta que tudo acontecia no clube: “se realizava no clube, Centro Cultural Recreativo Aroeirense. Durante o dia era na rua. Às quatro horas da tarde tinha a matinê das crianças, que se reuniam na rua e os adultos iam acompanhando” (informação verbal⁷).

Outro ponto importante nas memórias dos aroeirenses é quanto às regras do carnaval dos anos 1960-1980:

Se um rapaz fosse chamar uma moça pra dançar, ela tinha que ir dançar porque ele estava pagando. Nessa época, mulher não pagava o ingresso, então ela não poderia cortar, tinha que dançar com o rapaz que lhe chamasse pra não haver confusão. Ou então, se você me chamasse pra dançar e eu dissesse que não ia, eu não podia dançar com mais ninguém. Tinha que ficar sentada. Mas todo mundo já sabia, aceitava as regras, não se negava a dançar, não. Empregada doméstica não podia participar, era proibido. O patrão comprava a mesa da família, podia levar sua empregada, mas ela tinha de ficar sentada na mesa, não podia ir pra pista de dança. Criança não podia entrar, mas geralmente um menino de 12, 14 anos, já se dizia que era homem. Então muitos entravam acompanhados dos pais. A polícia ficava na porta do clube e

⁶ LUNA, Abílio da Silva. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de Abílio da Silva Luna sobre o carnaval do município de Aroeiras-PB. p. 01; 10 de agosto de 2013. Entrevista concedida a Francisco de Assis de Araújo Silva.

⁷ MELO, José Fernandes de. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de José Fernandes de Melo sobre o carnaval do município de Aroeiras-PB. p. 01; 12 de agosto de 2013. Entrevista concedida a Francisco de Assis de Araújo Silva.

só entrava se fosse chamada pela diretoria. O pessoal da diretoria é que ficava fiscalizando (informação verbal⁸).

Nessa fala da senhora Josefa de Lourdes, temos uma ideia de como era o comportamento da sociedade na época. A mulher sempre submissa ao homem na questão de aceitar o convite para dançar, já que ele havia pagado a entrada no baile e às mulheres era dispensado o pagamento. Temos uma característica de uma sociedade patriarcal, com a figura do homem no comando das ações da sociedade. Outras memórias ainda discorrem sobre as regras da festa:

Havia regras mais do que hoje, porque menor não entrava no clube. Só pessoas de maior. Fazia-se o carnaval das crianças no centro da cidade, com a orquestra, a matinê e, no clube, havia uma regra, que o juiz baixava uma portaria dizendo as regras a serem cumpridas (informação verbal⁹).

Segundo o relato do senhor Gilberto Bezerra de Souza, era vetada a entrada de menores de idade, inclusive através de uma portaria da Justiça, que proibia a entrada de menores de idade nos bailes de carnaval. Outros rememoradores afirmam que os menores entravam; apenas crianças não podiam entrar. Todavia, como trabalhamos com memória, temos de ter consciência que cada memória lembra um determinado acontecimento e que a memória é seletiva; ela seleciona os fatos e um determinado momento que marcou a emoção de quem vivenciou uma situação importante.

Então, não devemos dispensar uma memória em detrimento de outra, pois cada uma tem sua importância e constitui uma rememoração de uma temporalidade específica. Ainda temos de lembrar que nosso trabalho faz um recorte temporal de cerca de 20 anos (1960-1980), e que, nesse recorte temporal, pode ter havido muitas mudanças no que diz respeito às regras do carnaval no clube, bem como sua

⁸ ASSIS, Josefa de Lourdes de Souza. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de Josefa de Lourdes Souza Assis sobre o carnaval do município de Aroeiras-PB. p. 01; 12 de agosto de 2013. Entrevista concedida a Francisco de Assis de Araújo Silva.

⁹ SOUZA, Gilberto Bezerra de. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de Gilberto Bezerra de Souza sobre o carnaval do município de Aroeiras-PB. p. 01; 12 de Agosto de 2013. Entrevista concedida a Francisco de Assis de Araújo Silva.

organização em geral. Então, deter-nos-emos a enfatizar aquelas memórias que enfatizam nosso recorte de tempo, com o intuito de enriquecer e contribuir para a construção e preservação da identidade local da cidade e do seu patrimônio histórico-cultural a partir do carnaval.

Eis mais uma visão acerca das regras estabelecidas para o carnaval da época:

Era proibida a entrada de empregadas domésticas dentro do clube, porque eles consideravam pessoas que não eram sociais. Viviam fora da sociedade. Mas tinham poucas na época. Elas podiam entrar, mas não podiam dançar; ficavam sentadas na mesa, mas não era permitido elas dançarem com as outras pessoas (informação verbal¹⁰).

A senhora Lúcia Andrade afirma que as empregadas domésticas não podiam participar do baile dançante, mas apenas entrar acompanhadas dos seus patrões para ficar à mesa, observando a festa. Numa sociedade conservadora como a dos anos 1960 e 1980, é comum essa discriminação das empregadas domésticas. Até na atualidade, pouca coisa mudou nesse aspecto. Contudo, lembremos que nos referimos à condição de elas entrarem com seus patrões, pois a entrada era permitida para todos os afiliados ao clube e também aos não sócios. Desde que estes pagassem o ingresso, não havia nenhuma restrição.

Segundo outro colaborador nosso, o lança-perfume chega a ser proibido numa determinada época:

Fazia-se de tudo. Mas uma coisa era proibido, que era a tal da lança-perfume. Aliás, a lança-perfume, de uns tempos ali no clube, ainda tinha. Depois, quando aconteceu a proibição, o que tinha era a bebida. Mesmo assim na rua ainda se encontrava (informação verbal¹¹).

O senhor Marcos Lira nos informa que o lança-perfume passou a ser proibido numa época da qual ele não lembra exatamente a data e que, a partir de então, não se

¹⁰ ANDRADE, Maria Lúcia Bezerra de. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de Maria Lúcia Bezerra de Andrade sobre o carnaval do município de Aroeiras-PB. p. 01; 12 de Agosto de 2013. Entrevista concedida a Francisco de Assis de Araújo Silva.

¹¹ LIRA, Marcos Henriques de Farias. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de Marcos Henriques de Farias Lira sobre o carnaval do município de Aroeiras-PB. p. 01; 12 de Agosto de 2013. Entrevista concedida a Francisco de Assis de Araújo Silva.

usava mais esta substância dentro do clube. Porém, ela ainda poderia ser encontrada na rua, de forma ilegal. Podemos, com base nos nossos estudos, afirmar que essa proibição do uso de lança-perfume ocorre com a Ditadura Militar de 1964. No entanto, alguns colaboradores afirmam que, mesmo após o regime, ainda se usava lança-perfume, que era contrabandeado e chagava até a cidade.

Segundo a senhora Lúcia Andrade, a proibição do lança-perfume no clube ocorre após a morte por overdose de um carnavalesco da cidade. Mesmo assim, essa morte não teria ocorrido dentro do clube, mas na rua. Então, por precaução, a diretoria do clube teria proibido a sua utilização. O senhor José Fernandes de Melo confirma esta versão sobre a proibição do lança-perfume no Centro Cultural Recreativo Aroeirense.

Trataremos agora de uma temática muito relevante em nossa pesquisa, os namoros nos carnavais dos anos 1960-1980. Vejamos o que dizem nossos colaboradores a este respeito:

Era um namoro muito diferente de hoje, namoro de respeito, a família prezava muito pelo respeito à namorada, pelo menos você brincava no carnaval, mas não tinha a aproximação que tem hoje. Tinha um distanciamento [...]. Na época, tinha a lança-perfume, o confete, a serpentina. Pelo menos na minha época de 18, 20 anos, você convidava a dançarina que estava na mesa com a serpentina, você jogava a serpentina, ela já sabia que você estava convidando pra dançar (informação verbal¹²).

Para Gilberto Bezerra de Souza, o namoro nos carnavais dos anos 1960-1980 tinha um distanciamento dos casais. Tudo começava com a paquera na hora de dançar, quando o cavalheiro gentilmente jogava a serpentina para a dama, e esta lhe atendia ao pedido para dançar, que poderia muitas vezes ir além de uma simples dança, para terminar em namoro.

Há outros relatos, com pontos de vista diversos sobre o assunto:

¹² SOUZA, Gilberto Bezerra de. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de Gilberto Bezerra de Souza sobre o carnaval do município de Aroeiras-PB. p. 02; 12 de Agosto de 2013. Entrevista concedida a Francisco de Assis de Araújo Silva.

As paqueras era só olhar. As pessoas ficavam só olhando de um para o outro, não é! E era amedrontado com os pais, tinha medo, era diferente de hoje. Tinha namoro que começava no carnaval, muita gente se casou com aqueles namoros que arrumava lá na festa (informação verbal¹³).

Era um namoro sem maldade. Era mais de olho, um tal de flerte que existia, não era paquera, era um flerte. “Então, você estava do lado de lá; eu, do lado de cá; você olhava pra mim, eu olhava pra você e estávamos flertando”. Era difícil chegar junto, era mais flerte, depois a gente se encontrava num canto, olho no olho; e era esse o namoro (informação verbal¹⁴).

Para outro colaborador nosso, o poeta Dudé das Aroeiras, no entanto, o namoro daquela época era um pouco mais aberto, pois tinha sempre o auxílio de algumas pessoas conhecidas do casal:

Era maravilhoso. Nós não tínhamos essa comunicação tecnológica de celular. Então mandávamos um bilhetinho, por uma criança da rua, ou recebíamos um bilhetinho por uma criança da rua, enviado pela namorada. À noite, íamos na casa dela buscá-la pra levar pro clube, perguntar se o pai dela deixava. O pai, às vezes, deixava, pra ir mais cedo. Havia o tempo do piscar de olhos: se um jovem olhava pra garota, se ela olhasse e piscasse o olho, estava dando sinal verde. O cara ia lá, ficava com ela, dançava, a família permitia. Era uma coisa maravilhosa. Na grande maioria, os namoros que começavam no carnaval continuavam sim, porque a cidade era muito pequena, então todo mundo se conhecia, as famílias eram amigas, “filho do compadre, da comadre, de seu fulano, tá aprovado”. Naquela época, o que era um carro? Aqui, no interior, era um cavalo bonito. Cidade do interior, naquela época, não se tinha moto, era lambreta, uma bicicleta motorizada. Mas o meio de transporte que embelezava a garotada e as mulheres era o cavalo. Aroeiras era uma cidade agrícola, uma cidade interiorana. Às vezes, o namoro era até premeditado: “vai chegar o carnaval, agora eu namoro a fulana” (informação verbal¹⁵).

¹³ ANDRADE, Maria Lúcia Bezerra de. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de Maria Lúcia Bezerra de Andrade sobre o carnaval do município de Aroeiras-PB. p. 01; 12 de Agosto de 2013. Entrevista concedida a Francisco de Assis de Araújo Silva.

¹⁴ ALBUQUERQUE, Maria José de. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de Maria José de Albuquerque sobre o carnaval do município de Aroeiras-PB. p. 01; 15 de Setembro de 2013. Entrevista concedida a Francisco de Assis de Araújo Silva.

¹⁵ AROEIRAS, Dudé das. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de Dudé das Aroeiras sobre o carnaval do município de Aroeiras-PB. p. 03; 19 de Agosto de 2013. Entrevista concedida a Francisco de Assis de Araújo Silva.

Olha, eu inclusive comecei a namorar com Socorro no carnaval (risos). A gente na época tinha uma faixa de 17, 18 anos mais ou menos. Ela é um pouco mais nova do que eu, tem dois anos a menos, e a paquera era do olhar, não é? Era diferente de hoje, que hoje você namora, os meninos, a gente vê, conhece a menina, daqui a pouco tão agarrados aos beijos, abraços, aquele negócio. Naquela época, não. Não existia nada disso, não. Era olhar, era sorrir, era fazer um gesto, um negócio assim, não é?! Pra você se aproximar daquela pessoa, isso levava um certo tempo, era uma coisa bem devagar, bem *light*, não era avançado como hoje, não. Mas era uma coisa boa, era uma coisa sadia. O meu namoro continuou até hoje, deu certo até hoje, já tô com quase 50 anos de convivência com Socorro. De casamento, já tenho 36, e surgiu no carnaval. Eu não me lembro qual foi a data, mas foi por volta de 1966, 1967, mais ou menos por aí. E estamos vivendo até hoje (informação verbal¹⁶).

Ainda sobre a temática dos namoros carnavalescos, temos o relato do senhor José Laurentino:

Rapaz, era bem diferente de hoje, porque antigamente uma moça, pra ir pro clube, tinha que ser acompanhada, ou dos pais ou de um vizinho, um responsável. Menor de idade não podia entrar, só acompanhada de uma pessoa que os pais confiassem (informação verbal¹⁷).

É extremamente relevante, para efeito de pesquisa histórica, lembrar como se davam essas relações de sociabilidade entre os carnavalescos de 1960-1980 na cidade de Aroeiras. Sobre a temática do curso, alguns rememoradores nos relatam sua ocorrência:

Não tinha hora certa. Os carros eram tudo jipe, quando se reunia alguns, saía em desfile. A gente fazia uns apitos, colocava nos carros e saía na rua, todos os carros tinham que ter apito. Quando era no carnaval, o

¹⁶ LIRA, Marcos Henriques de Farias. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de Marcos Henriques de Farias Lira sobre o carnaval do município de Aroeiras-PB. p. 01-02; 12 de Agosto de 2013 de 2013. Entrevista concedida a Francisco de Assis de Araújo Silva.

¹⁷ SOUZA, José Laurentino de. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de José Laurentino de Souza sobre o carnaval do município de Aroeiras-PB. p. 01; 20 de Setembro de 2013. Entrevista concedida a Francisco de Assis de Araújo Silva.

pessoal já tirava as capotas dos jipes. O curso subia pela rua do grupo, pela Zeferino de Paula, Rua do Comércio. Enfeitava bicicleta também, enfeitava com papel crepom. Naquele tempo, só era jipe, bicicleta e motocicleta (informação verbal¹⁸).

Segundo a senhora Josefa de Lourdes, o curso não tinha horário determinado para começar. Não era um evento formal, pelo contrário, reunia-se um grupo de pessoas, a maioria em jipes, e começavam a desfilar pelas ruas da cidade. Mas, ao que consta, segundo esse e outros relatos, não havia uma premiação, nem uma organização estabelecida por órgãos oficiais.

O confete e a serpentina também eram inseparáveis desse momento. Os jipes ficavam cheios de confetes, serpentinas e outros adereços, como papel crepom, nas rodas, no para-brisa e nos para-choques. Além da buzina original dos jipes, confeccionava-se uma buzina artesanal, uma corneta para acrescentar aos jipes. Venceria em primeiro lugar no curso o carro mais ornamentado, mais colorido e também mais barulhento; enfim, o que chamasse mais atenção. Quanto à premiação, nossos rememoradores não destacam nada de importante. O que valia era o espírito esportivo de participar da festa.

Era algo aleatório e com alguma premiação simbólica, como uma caixa de cerveja, por exemplo, nada de muito relevante. Também havia a participação de bicicletas e motocicletas nos cursos.

Isto era algo peculiar das cidades interioranas, já que em cidades maiores, como Campina Grande, só era permitida a participação de carros. Além disso, havia toda uma formalidade para a organização do evento. Como ressalta Clarindo (2002, p. 144),

a própria existência do “Curso” demarcava diferenças entre as pessoas. Só poderiam tomar parte no mesmo quem tivesse ou alugasse um carro, não sendo mais permitidos ônibus, cavalos ou carroças, que poderiam, além de conturbar “a ordem”, denegrir a imagem da cidade que se pretendia “moderna”.

¹⁸ ASSIS, Josefa de Lourdes de Souza. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de Josefa de Lourdes de Souza Assis sobre o carnaval do município de Aroeiras-PB. p. 02; 12 de Agosto de 2013. Entrevista concedida a Francisco de Assis de Araújo Silva.

Segundo Clarindo, Campina Grande elaborava um discurso de modernização da cidade que influenciava até na organização do carnaval. Em Aroeiras, não acontecia a mesma coisa. A modernização da cidade se tornava mais tardia e atendia a outros interesses, mais voltados aos aspectos econômicos, deixando de lado as manifestações socioculturais.

Naquela época, existia muito jipe. O carro da cidade era jipe. O curso era feito ali entre a Rua do Comércio, entrando pela Rua do Rosário, rua do grupo, e descia voltando pra Rua do Comércio. Todo dia de tardezinha juntava quem tinha carro, a maioria jipe, às vezes aparecia uma rural, mas a maioria era jipe. Quem tinha ia com seus familiares; quem não tinha, ficava andando a pé pela rua, ficava na Rua do Comércio, olhando os carros passar. Alguns carros desses eram enfeitados com papel crepom colorido. Então enchia o carro desses papeis e enfeitava a roda do carro, o para-brisa, etc. (informação verbal¹⁹).

Na visão do senhor Marcos Lira, o curso era feito pelas pessoas da elite da cidade, pois, naqueles anos, somente as pessoas de poder econômico elevado possuíam carro na cidade. Porém, voltamos a ressaltar que não era uma organização institucional. Qualquer pessoa que chegasse de carro poderia participar naquele momento, fosse um morador da cidade ou algum visitante. Não havia nenhuma restrição quanto à participação de ninguém.

O curso era um momento festivo, de participação de todos aqueles carnavalescos que tinham carro. Os que não tinham, poderiam assistir livremente ao desfile dos carros pelas ruas do centro da cidade. Já em Campina Grande, havia uma discriminação contra os populares desprovidos de carros e que pretendiam assistir ao desfile:

Com o passar dos anos, os populares, cada vez mais privados de recursos ou de carros, acompanhavam tudo postados à beira das ruas

¹⁹ LIRA, Marcos Henriques de Farias. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de Marcos Henriques de Farias Lira sobre o carnaval do município de Aroeiras-PB. p. 02; 12 de Agosto de 2013. Entrevista concedida a Francisco de Assis de Araújo Silva.

Maciel Pinheiro, Sete de Setembro, Marquês do Herval e Floriano Peixoto. Em certa época, o cortejo foi alterado, talvez para que os moradores enriquecidos da área nobre do Centro, localizada nas imediações da Praça Antônio Pessoa, pudessem ver mais de perto seus pares (CLARINDO, 2002, p. 145).

É notável a diferença entre os cursos da pequena cidade de Aroeiras dos anos 1960 e 1980 e da sua cidade polo, Campina Grande, que já se dizia moderna nesta época. Em Aroeiras, ocorria tudo por iniciativa popular, embora encabeçado por algumas pessoas de destaque na cidade, mas não necessariamente autoridades. Eram comerciantes, profissionais liberais, professores e até alguns políticos, mas não com caráter institucional, sempre na informalidade. Tudo acontecia, como diriam nossos rememoradores, na arte do improvisado. Já em Campina Grande, havia uma organização das autoridades municipais, policiais, jurídicas e da iniciativa privada.

Vamos a mais um relato sobre o curso, segundo um colaborador nosso:

Era pouco carro aqui, só tinha mais jipe. Mas fazia o curso, eu tinha um jipe na época, o pessoal passeava de jipe, de bicicleta. Tinha o mela-mela de manhã. O itinerário era na rua principal, a Rua do Comércio, chegando até o alto (informação verbal²⁰).

A fala do senhor Gilberto Bezerra reforça as considerações anteriores sobre o curso como ocasião sem formalidade, sendo permitida até a entrada de bicicletas acompanhando os jipes pelas ruas da cidade. Tudo com muito mela-mela: jogava-se farinha uns nos outros.

Dando continuidade à pesquisa, não poderíamos deixar de fora a temática da exclusão social dentro do contexto carnavalesco:

É difícil você dizer que uma festa não tem exclusão. Sempre tem! E a gente sabia que só frequentava o clube aquelas pessoas de certo nível social. Os mais “baixos” ficavam de fora, não entrava ninguém. Isso era normal. Aí sempre houve e não vai deixar de existir nunca. No carnaval, a amizade, a camaradagem, a parceria era muito boa. Porque todo mundo que estava ali eram pessoas conhecidas, então não tinha porque

²⁰ SOUZA, Gilberto Bezerra de. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de Gilberto Bezerra de Souza sobre o carnaval do município de Aroeiras-PB. p. 02; 12 de Agosto de 2013. Entrevista concedida a Francisco de Assis de Araújo Silva.

ser diferente. Cidade pequena, naquela época o número de habitantes de Aroeiras era pequeno. E nem todo mundo ia pra festa. Só ia pra festa quem gostava da festa. Então quem estava ali era realmente as pessoas que gostavam da festa. Então sempre estava todo mundo em parceria, todo mundo unido na alegria da festa (informação verbal²¹).

Existia, mas não de maneira agressiva. Algumas pessoas não podiam ir para o clube, se sentiam rejeitadas na sociedade, porque tinham vontade de ir participar da festa e, por não ter uma condição melhor, não podiam ir para o baile. Mas era muito passivo, era uma questão social. O clube era mais pra elite, porque era uma festa paga e o povo pobre não tinha acesso. A mesa era cara, a bebida era cara e quem era pobre não ia pro clube, não. A fantasia de clube era mais roupa social, não tinha muita fantasia, não, um chapéu, alguma coisa assim (informação verbal²²).

A respeito das fantasias, os moradores da cidade relataram que eram as mais simples possível:

“As fantasias das classes sociais eram quase iguais. Iam uns de paletó, terno, gravata, sapato social, camisa social. Mas as roupas eram quase iguais” (informação verbal²³). “Fantasia se fazia. Era tudo confeccionado artesanalmente” (informação verbal²⁴). Naqueles anos, era coisa rara comprar roupa feita, ou seja, confeccionada de forma industrial. Havia os tecidos que eram vendidos a granel e que os compradores mandavam como matéria-prima para que os alfaiates e costureiras os confeccionassem da melhor maneira.

Sobre o uso de lança-perfume, álcool e outros entorpecentes:

²¹ LIRA, Marcos Henriques de Farias. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de Marcos Henriques de Farias Lira sobre o carnaval do município de Aroeiras-PB. p. 03; 12 de Agosto de 2013. Entrevista concedida a Francisco de Assis de Araújo Silva.

²² SOUZA, José Laurentino de. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de José Laurentino de Souza sobre o carnaval do município de Aroeiras-PB. p. 02; 20 de Setembro de 2013. Entrevista concedida a Francisco de Assis de Araújo Silva.

²³ LUNA, Abílio da Silva. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de Abílio da Silva Luna sobre o carnaval do município de Aroeiras-PB. p. 04; 10 de Agosto de 2013. Entrevista concedida a Francisco de Assis de Araújo Silva.

²⁴ AROEIRAS, Dudé das. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de Dudé das Aroeiras sobre o carnaval do município de Aroeiras-PB. p. 05; 19 de Agosto de 2013. Entrevista concedida a Francisco de Assis de Araújo Silva

A lança-perfume se colocava no lenço e ficava cheirando, mas tudo tranquilo. E a bebida era uma cervejinha, um vinho. Quem tinha lança-perfume jogava um jato no clube e todo mundo achava cheiroso, não sentia nada, um alucinógeno. Depois ficou proibido. Mas era uma coisa muito comum, a gente não sabia que era droga (informação verbal²⁵).

Segundo a senhora Lúcia Andrade, os carnavalescos de Aroeiras ignoravam que lança-perfume era fosse droga. Eles apenas tinham a noção de que era um perfume, mas que não fazia nenhum mal à saúde. A utilização de lança-perfume era muito comum entre 1960 e 1980. Ainda segundo a mesma colaboradora, alguns chegavam a levar até toalhas para colocar no pescoço, embebidas da substância. O ritual de jogar um jato de lança-perfume no clube era praticamente indispensável para alguns. Por isso, muitos usavam óculos escuros, mesmo à noite, para proteger a visão dos efeitos da acidez desta substância. Essa afirmativa foi também confirmada pela senhora Josefa de Lourdes, já citada neste texto.

Eu usei muito lança-perfume. Tinha gente que caía com o porre. “Eu usei muito, a gente não sabia que fazia mal”. A lança-perfume já era outro convite para você dançar com a namorada também. Você lançava um jato de lança-perfume e ela vinha, se aproximava de você pra dançar abraçado e muitas vezes tomava um porre de lança no ombro do cavalheiro: você molhava o ombro, ela encostava e às vezes passava do limite, que a lança é entorpecente (informação verbal²⁶).

Segundo nosso rememorador Gilberto Bezerra, a lança-perfume era a principal atração do carnaval. A princípio, seu uso era liberado. Após a Ditadura Militar de 1964, ele passa a ser proibido. A partir daí, sua comercialização passa a ser ilegal. A maior parte do produto era importada da Argentina e outros países, chegando aqui no interior do Brasil. Ainda segundo este rememorador, ele foi um dos que traziam de Recife o tão

²⁵ ANDRADE, Maria Lúcia Bezerra de. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de Maria Lúcia Bezerra de Andrade sobre o carnaval do município de Aroeiras-PB. p. 02; 12 de Agosto de 2013. Entrevista concedida a Francisco de Assis de Araújo Silva.

²⁶ SOUZA, Gilberto Bezerra de. **Entrevista semiestruturada**. Transcrição da entrevista de Gilberto Bezerra de Souza sobre o carnaval do município de Aroeiras-PB. p. 01-02; 12 de Agosto de 2013. Entrevista concedida a Francisco de Assis de Araújo Silva.

esperado lança-perfume, já na ilegalidade. Chegando a Aroeiras, havia várias formas de distribuição da substância: a partir de rifas, bazar e outros meios. Muitos carnavalescos se preocupavam mais em comprar lança-perfume do que propriamente em se fantasiar.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os carnavais de 1960 e 1980 representaram, para a história da cidade de Aroeiras, uma grande comemoração que envolveu pessoas de todos os segmentos da sociedade, sendo a festa mais significativa no âmbito das manifestações culturais da cidade. Dessa forma, sua representação se torna evidente entre os moradores que, com muito saudosismo e fortes lembranças, descrevem o que foi viver aquele momento de auge da folia num contexto singular que, para eles, é indiscutivelmente o mais influente na História Cultural da cidade.

Sua importância se dá pela necessidade de se estudar as tessituras das memórias e da história local a partir do carnaval, que é uma das festas mais relevantes da cidade. Podemos nos arriscar a dizer que o mesmo se verifica também para o nosso país. A memória local se fez, em grande parte, pela influência do carnaval, que reuniu famílias, amigos, trouxe pessoas de outras cidades e de outros estados. Fez uma mescla cultural, promovendo a integração e socialização de milhares de pessoas.

A história do carnaval de Aroeiras se escreve a partir dos sentimentos dos aroeirenses quanto à sua identidade indissociavelmente ligada a esta prática cultural. Representou para a cidade grande valia, pois, naqueles anos, praticamente não havia festas na cidade e o carnaval já era tradicional desde 1930. Marcou a vida de muitas pessoas, que viram nessa festa a possibilidade de Aroeiras socializar-se com outras cidades vizinhas e, dessa forma, manter uma política de valorização da cidade, que fez com que ela crescesse devido à atração turística do carnaval, que as demais cidades vizinhas não tinham.

A dinâmica da festa trouxe também os ares de modernização, pois os moradores procuraram novidades em grandes centros, a exemplo de Campina Grande e Recife. Podemos ressaltar que as orquestras de frevo que tocavam em Aroeiras eram as mais bem conceituadas da época, como a orquestra Tabajara, uma das mais relevantes da Paraíba.

Para nós, enquanto acadêmicos do curso de História, esse estudo representou a concretização da ânsia em estudar a cultura local no tocante ao carnaval, pois, até então, ainda não havia sido escrita uma única página sobre esta festa na cidade de

Aroeiras. A motivação pessoal de também sermos aroeirenses e fazer parte dessa história nos levou ao empenho de pesquisar com muita cautela os meandros dessa cultura carnavalesca que se criou em âmbito local.

Faz-se necessário discutir sobre o carnaval da cidade de Aroeiras e sua contribuição para a História Cultural local. O carnaval possibilita isto enquanto festa ainda pouco explorada, pouco discutida em nível acadêmico e que precisa de um olhar mais atuante, capaz de trazer ao conhecimento público a relevância desta riqueza festiva no campo da História Cultural.

O curso de História necessita dessa contribuição, no que concerne à discussão em torno da temática dos carnavais para o seu enriquecimento por meio das pesquisas sobre História Cultural, pois o carnaval é uma das festas mais comemoradas no nosso país. Destarte, deve integrar os temas mais discutidos na História Cultural. O carnaval é uma das maiores representações culturais de um povo, sua identidade, seu pensamento sociocultural e político, sua religiosidade; tudo isso extravasa na folia carnavalesca.

Em nossas considerações finais, esperamos ter alcançado a proposta inicial do trabalho e, assim, contamos que ele venha a fortalecer as visões acadêmicas acerca deste tema, além de enriquecer o campo da pesquisa histórica.

Acreditamos ter preenchido, em parte, a grande lacuna dessa abordagem no meio científico da história e esperamos sempre poder compartilhar nossos conhecimentos em prol desta tão valiosa temática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AROEIRAS, Dudé das. **Pedras de Riachos**. João Pessoa: Ideia, 2003.

ANDRADE, Joel Carlos de Souza; Et All. **Cultura e Cidades**; 1 ed. Campina Grande: EDUFCG, 2009.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovith. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: HUCITEC / Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.

BARROS, José D'Assunção. **Os Campos da História: uma introdução às especialidades da História**. In: Revista HISTEDBR On-line, Campinas, Nº 16, p. 17-35, dez. 2004.

_____. **A História Cultural Francesa – caminhos de investigação**. In: Revista de História e Estudos Culturais. Vol. 2. Ano II. Nº 4, Outubro/Novembro/Dezembro de 2005.

_____. **A História Cultural e a contribuição de Roger Chartier**. In: Revista Diálogos, DHI/PPH/UEM, Vol.9, Nº1, p. 125-141, 2005.

_____. **A Nova História Cultural: considerações sobre o seu universo e seus diálogos com outros campos históricos**. In: Cadernos de História, Belo Horizonte, V. 12, Nº 16, 1º sem. 2011.

_____. **História Cultural: um panorama teórico e historiográfico**. Textos de História, Vol. 11, Nº 1/2, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

BRITO, Sandra. **O carnaval e o mundo burguês**. In: Revista da Faculdade de Letras – História. Porto, III série, p. 313-338. Vol. 6, 2005.

SHARPE, Jim. In: A história vista de baixo. Peter Burke (org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. In: A História vista de baixo. São Paulo: UNESP, 1992.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Tradução Vera Maria Xavier dos Santos; revisão técnica Daniel Aarão Reis Filho. – Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1 artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Coleção Memória e Sociedade. Editora DIFEL, 1986.

CITTADINO, Monique e GONÇALVES, Regina Célia (orgs). **Historiografia em diversidade: ensaios de história e ensino de história**. Campina Grande: Editora Universitária/UEPB, 2008.

CITTADINO, Monique. **Poder local e Ditadura Militar: o Governo João Agripino – Paraíba (1965-1971)** / Monique Cittadino. – Bauru: Edusc, 2006.

COSTA, Marli Lopes da. CASTRO, Ricardo Vieiraalves de. **Patrimônio Imaterial Nacional: preservando memórias ou construindo histórias?** In: Estudos de Psicologia Vol 13, Nº 2, p. 125-131. 2008.

CRUZ, Mércia Socorro Ribeiro. Et All. **Festas culturais: Tradução, Comidas e Celebrações**. In: I Encontro Baiano de Cultura – I EBECULT – FACOM/UFBA. Salvador – BA, 11 de dezembro de 2008.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

_____. **O que é o Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

DELGADO, Anna Karenina Chaves. **O carnaval como elemento identitário e atrativo turístico: análise do projeto folia de rua em João Pessoa (PB)**. In: Revista de Cultura e Turismo – CULTUR, ano 06, Nº 04 – Out./2012.

FRANZINI, Fabio. **A década de 1930, entre a memória e a história da historiografia brasileira**. p. 261-274 In: Estudos de historiografia brasileira. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

GASTAL, Susana de Araújo. Et All. **Festa Temática: da tradição a modernidade**. In: Turismo em análise Vol. 24, Nº 2, agosto 2013.

GOMES, Iordan Queiroz. **Revisitando Lugares e Reinventando Caminhos: Aroeiras entre a cidade que se tinha e a urbes que se queria ter (1950-1960)**. XXVII Simpósio Nacional de História. Conhecimento histórico e diálogo social. Natal – RN. 22 a 26 de julho. ANPUH, Brasil, 2013.

GURJÃO, Eliete de Queiroz. LIMA, Damião de. (Orgs.). **Estudando a História da Paraíba**. 4 ed. Campina Grande: Editora Meta, 2009.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2 ed. Paris: ediçõesVértice, 1990.

HILL, Christopher. **O mundo de ponta cabeça: ideias radicais durante a revolução inglesa de 1640**. São Paulo: CIA das Letras, 1987.

HOBBSAWN, Eric. **A Invenção das Tradições**. Eric Hobsbawn e Terence Ranger (orgs.). Tradução de Celina Cardim Cavalcante. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1997.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Patrimônio Cultural Imaterial**. Departamento do Patrimônio Histórico/DPI. Diretora Marcia Sant’Anna. Gerencia de Registro Gerente Ana Claudia Lima e Alves. S/a.

KUPSTAS, Marcia. (org.). **Identidade nacional em debate**. (Coleção debate na escola) São Paulo: Moderna, 1997.

LEITE, Francisco Benedito. **Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento no Contexto de François Rabelais Como Obra de Maturidade Mikhail M. Bakhtin**. In: Revista Magistro – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas – UNIGRANRIO. Vol. 2, Nº 1, 2011.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

ORWELL, George. **1984**. Tradução de Wilson Velloso. 23 ed. – São Paulo: Editora Nacional, 1996.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

WHITAKER, D.C; VELOSO, T.M. (Orgs.). **Oralidade e Subjetividade: os meandros infinitos da memória**. Campina Grande: EDUEP, 2005.

PARANHOS, Kátia Rodrigues. (Org). **História e Imagens: textos visuais e práticas de leituras**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

POLLAK, Michel. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol. 2, Nº 3, 1989, p. 3-15.

_____. **Memória e Identidade Social**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol. 5, Nº 10, 1992, p. 200-212.

REIS, José Carlos. História e Teoria. **Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade**. 3 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

_____. **As identidades do Brasil 1: de Varnhagem a FHC**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

_____. **As identidades do Brasil 2: de Calmon a Bomfim: a favor do Brasil: direita ou esquerda?** Rio de Janeiro: Editora FVG, 2006.

ROIZ, Diogo da Silva. **A NOVA HISTÓRIA CULTURAL: QUESTÕES E DEBATES**. In: Revista Pensamento Plural. Pelotas (02): 181-186, Janeiro/junho 2008.

_____. **A história da História Cultural, segundo Peter Burke. Resenha**, In: Revista ArtCultura, Uberlândia, Vol. 09, Nº 15, p. 235-239, jul/dez. 2007.

SANTOS, Márcia Pereira dos. **História e Memória: desafios de uma relação teórica**. In: Revista OPSIS, Vol. 7, Nº 9, jul-dez 2007.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval. MAHFOUD, Miguel. **Halbwachs: Memória Coletiva e Experiência**. Instituto de Psicologia – USP, S. Paulo, 4(1/2), p. 285-298, 1993.

SILVA, Zélia Lopes da. **Os espaços da festa: o carnaval popular de rua do Brasil dos anos 20**. In: História e Ensino, Londrina, vol. 4, p. 153-172, out. 1998.

SILVA, Lúcia. **A Trajetória de um Conceito: Patrimônio, entre a Memória e a História**. In: Mosaico Revista Multidisciplinar de Humanidades, Vassouras, vol.1, Nº 1, p. 36-42, jan/jun, 2010.

SILVA, Ribamar Nogueira da. **A história social da cultura e a história cultural do social: aproximações e possibilidades na pesquisa histórica em educação**. In: Cadernos de História da Educação – V. 9, Nº 2 – jul/dez. 2010.

SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. **Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos – Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945-1965)**. Recife: Editora da UFPE, 2002. Tese de Doutorado em História.

TOMAZ, Paulo Cesar. **A preservação do patrimônio cultural e sua trajetória no Brasil**. In: Fênix – Revista de História e Estudos Culturais. Vol. 7, ano VII, Nº 2. Maio/Junho/Julho/Agosto de 2010.

VAINFAS, Ronaldo. Micro-história: Os Protagonistas Anônimos da História. In: **O Berço da Micro-História**. p. 53-75. Rio de Janeiro: Campus, 2002. 163 p.

XAVIER, Felipe Araújo. **O Carnaval de Rio Novo: uma festividade e seus significados plurais (1907-1979)**. Universidade Federal de Juiz de Fora, PPGH-Mestrado em História. Juiz de Fora, 2010. Dissertação de Mestrado.

APÊNDICE – A

ENTREVISTAS CONCEDIDAS A FRANCISCO DE ASSIS DE ARAÚJO SILVA ENTRE AGOSTO E SETEMBRO DE 2013, QUESTIONAMENTOS DAS ENTREVISTAS:

1. Como era aguardada a chegada do carnaval em Aroeiras nos anos 1960 e 1980?
2. Como era escolhido o local da festa?
3. Havia regras para o carnaval, quais eram essas regras?
4. Como eram os antigos carnavais, falando-se de maneira geral?
5. Como eram as paqueras, os namoros dos anos 1960 e 1980 nos carnavais da época?
6. Como era realizado o Corso? As pessoas ficavam passeando pela cidade de carros?
7. Havia influência das músicas que eram tocadas nas rádios naquela época?
8. Havia influência do cinema e da televisão? Quais personagens eram mais imitados?
9. Quais eram as notícias publicadas nos jornais e revistas da época sobre os carnavais de 1960-1980?
10. Nessa época havia divulgação do carnaval de Aroeiras nos jornais e rádios locais?
11. O carnaval deixava as pessoas unidas? Havia diferença de classe social?
12. Como se davam as diferenças entre as pessoas da alta sociedade e os populares quanto às roupas ou fantasias?
13. Como as ruas da cidade eram enfeitadas e quem as enfeitava?
14. Como a polícia agia diante das possíveis desordens da festa?
15. Como se dava o consumo de drogas como o cigarro, álcool e lança perfume?
16. Quem organizava os bailes de carnaval?
17. Havia algum tipo de protesto contra as autoridades do município, através de fantasias, símbolos ou rituais?
18. Os adolescentes podiam frequentar os bailes de carnaval?

19. Havia influência das religiões de origem africana nos blocos de bumba-meu-boi, que fosse através da música, da dança, das roupas ou das crenças?
20. Qual era o critério para se escolher a Rainha do Carnaval e como se realizava a eleição?
21. Havia eleição para o Rei Momo também?
22. Quem poderia frequentar o clube e quem poderia se tornar sócio do clube?
23. As pessoas não associadas ao clube podiam frequentá-lo? Como era a aquisição de mesas para adentrar ao baile carnavalesco?

APÊNDICE – B

FORAM ENTREVISTADOS OS SENHORES:

- 1 - Abílio da Silva Luna
- 2 - Coaracy Gomes Xavier
- 3 - Gilberto Bezerra de Souza
- 4 - José Fernandes de Melo
- 5 - José Laurentino de Souza
- 6 - José Severino da Costa Barbosa (poeta Dudé das Aroeiras)
- 7 - Josefa de Lourdes de Souza Assis
- 8 - Marcos Henriques de Farias Lira
- 9 - Maria José de Albuquerque
- 10 - Maria Lúcia Bezerra de Andrade